

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**MONIQUE DE CÁSSIA DIAS RIBEIRO**

**A ENCHENTE DO NATAL: HISTÓRIA E MEMÓRIAS DA ENCHENTE DO RIO  
MÃE LUZIA EM 1995 – FORQUILHINHA/SC**

**CRICIUMA**

**2017**

**MONIQUE DE CÁSSIA DIAS RIBEIRO**

**A ENCHENTE DO NATAL: HISTÓRIA E MEMÓRIAS DA ENCHENTE DO RIO  
MÃE LUZIA EM 1995 – FORQUILHINHA/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de LICENCIATURA no curso de HISTÓRIA da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

**CRICIÚMA**

**2017**

**MONIQUE DE CÁSSIA DIAS RIBEIRO**

**A ENCHENTE DO NATAL: HISTÓRIA E MEMÓRIAS DA ENCHENTE DO RIO  
MÃE LUZIA EM 1995 – FORQUILHINHA/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de LICENCIATURA, no Curso de HISTÓRIA da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em HISTÓRIA AMBIENTAL.

Criciúma, 29 de novembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Thiago da Silva Coelho – Mestre – (UNESC)  
Presidente da Mesa

Prof. Paulo Sérgio Osório - Mestre - (UNESC)

Prof. Wagner Fonseca - Mestre

**Dedico à minha mãe Terezinha Dias e  
em memória à Marina Ferreira.**

## **AGRADECIMENTOS**

Somente no final de uma jornada é que nos damos conta à quantas pessoas somos gratos pelo apoio e ajuda. Tendo chegado ao fim de uma caminhada que iniciou de maneira inesperada, trago nesse espaço o meu agradecimento a todos que de alguma maneira foram responsáveis por esse momento.

Agradeço primeiramente a Deus!

A minha mãe Terezinha de Fátima Dias, a mulher incrível, guerreira e forte que me apoiou e me “aguentou” durante os cinco anos de graduação. Pela sua dedicação e incentivo nessa jornada. Por ter lutado por mim e principalmente por ter me escolhido.

Ao meu namorado Fabricio Abdel Qader, que com certeza foi a melhor pessoa que conheci durante a graduação. Pela sua paciência, dedicação, suporte e amor. Pelas horas me escutando falar sobre a pesquisa.

As meninas que formam o “Quinteto da Esquerda”: Ana Leticia Rossato, Elizandra Vilpert, Jucilene Plácido e Gabriela Figueiredo pela cumplicidade e amizade.

Ao meu pai Nivori Francisco Ribeiro. A minhas irmãs Denise Aparecida Dias Ribeiro e Fernanda Paula Dias Ribeiro.

Aos meus entrevistados que se propuseram à participar e partilhar suas memórias sobre esse episódio.

Aos meus mestres e doutores que além de compartilhar conhecimento, me proporcionaram ter uma nova visão de mundo.

Obrigada!

*Há de ter importância*

## RESUMO

Essa pesquisa foi desenvolvida com o intuito de promover um estudo a cerca das enchentes ocorridas no município de Forquilha com ênfase na enchente sucedida em dezembro de 1995, que atingiu boa parte do extremo sul do Estado de Santa Catarina. Essa enchente ganhou a denominação de “A Enchente do Natal” pela população e pela mídia, por ter iniciado durante as comemorações da ultima semana do ano. Trata-se de uma pesquisa de História Ambiental construída por meio de revisão bibliográfica, fontes orais, imagens fotográficas e fontes documentais, entre as quais as notícias de jornais. Os resultados da pesquisa são relatados em dois capítulos. No primeiro explicita-se a formação do núcleo colonial dos imigrantes alemães e o processo urbanização que sedimentou o centro urbano da cidade às margens do rio Mãe Luzia. No segundo capítulo mostra-se notícias, imagens e depoimentos de pessoas que vivenciaram ou testemunharam a inundação de 1995.

**Palavras-chave:** enchente de 1995, Forquilha, meio-ambiente, História Ambiental, Memória.

## ABSTRACT

Esta investigación fue desarrollada con el propósito de promover un estudio de las inundaciones ocurridas en el municipio de Forquilha con énfasis en la inundación ocurrida en diciembre de 1995, que alcanzó buena parte del extremo sur del Estado de Santa Catarina. Esta inundación ganó la denominación de "La Enchente de la Navidad" por la población y los medios, por haber ocurrido en las celebraciones de la última semana del año. Es sobre una investigación de Historia Ambiental construida por medio de revisión bibliográfica, fuentes orales, imágenes fotográficas y fuentes documentales, entre las cuales las noticias de periódicos. Los resultados de la investigación se reportan en dos capítulos. En el primero se explicita la formación del núcleo colonial de los inmigrantes alemanes y el proceso urbanización que sedimentó el centro urbano de la ciudad a orillas del río Mãe Luzia. En el segundo capítulo se muestran noticias, imágenes y testimonios de personas que vivenciaron o testificaron la inundación de 1995.

**Palabras clave:** inundación de 1995, Forquilha, medio ambiente, Historia del medio ambiente, Memoria.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa político dos municípios da AMREC .....	19
Figura 2: Avenida 25 de Julho.....	21
Figura 3: Centro Urbano de Forquilha e o Rio Mãe Luzia .....	22
Figura 4: O encontro dos rios São Bento e Mãe Luzia.....	23
Figura 5: A poluição do rio Mãe Luzia pelas carboníferas.....	25
Figura 6: Enchente De 74 .....	32
Figura 7: Os deslizamentos na Serra do Mar.....	33
Figura 8: O menino que sobreviveu... ..	35
Figura 9 Cerca de 200 famílias perdem tudo com chuvas .....	39
Figura 10: Centro de Forquilha.....	41
Figura 11: Bairro Santa Isabel.....	42
Figura 12: Avenida 25 de Julho.....	43
Figura 13: Rodovia Antônio Valmor Canela .....	46
Figura 14: Bairro Santa Isabel.....	49

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AMESC Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense

AMREC Associação de Municípios da Região Carboníferas

EPAGRI Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

CIDASC Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

CONAMA Conselho Nacional do Meio Ambiente

SC Santa Catarina

SPI Serviço de Proteção ao Índio

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 Ocupação e impactos ambientais da Região Sul: colônia de Forquilha.....</b>	<b>12</b>
2.1 A relação da Região sul de Santa Catarina com a natureza .....	12
2.2 Formação do Município de Forquilha .....	18
2.3 O rio Mãe Luzia na formação histórica do povoamento de Forquilha.....	23
<b>3 História e memória da enchente .....</b>	<b>27</b>
3.2 O Natal Inesquecível .....	32
<b>3.2.1 As memórias Forquilhaenses .....</b>	<b>37</b>
<b>3.2.2 O Pós-enchente .....</b>	<b>49</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a enchente do Rio Mãe Luzia no município de Forquilha (SC) ocorrida em 24 de dezembro de 1995. A cheia ganhou a denominação de “A Enchente do Natal” pela população e pela mídia, justamente por ter ocorrido durante as comemorações natalinas.

O município de Forquilha se localiza na região sul do Estado de Santa Catarina, pertence à Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC) e, faz divisa com as cidades de Nova Veneza, Criciúma e Maracajá. Seu núcleo urbano começou a ser colonizado por imigrantes europeus no início do século XX com a instalação de colonos alemães, entre de outros grupos etnias.

Na região sul de Santa Catarina, os estudos históricos sobre as enchentes são poucos e os erros das políticas públicas que pretendem solucionar o problema são muitos, como a falta de infraestruturas, zoneamentos, etc. No município de Forquilha as cheias registradas datam desde o início do século XX, com a chegada dos primeiros imigrantes europeus. A Enchente do Natal, por ser uma “tragédia” ainda muito presente na memória da população, desperta sentimentos de angústia, tristeza e indignação.

A pesquisa se propõe a narrar e problematizar a memória desta enchente na perspectiva da História Ambiental. A História Ambiental é área da ciência histórica que estuda a relação da cultura humana com o seu ambiente natural, estuda as concepções de natureza e os impactos socioambientais da sociedade humana em sua trajetória histórica e geográfica.<sup>1</sup>

No âmbito da História Ambiental, as “tragédias naturais” não se explicam apenas pela dinâmica da natureza, mas, sobretudo, pela forma como as sociedades ocupam e modificam os ecossistemas naturais. Por isso, as cheias dos rios só tomam a forma de “tragédia” em situações onde existem agrupamentos humanos, e para compreender e solucionar o problema das enchentes faz-se necessário estudar o processo histórico de ocupação e formação do espaço urbano na relação com o rio. A pesquisa se propõe a

---

<sup>1</sup> KLANOVISK, 2013, s/p

responder o seguinte problema: Por que a cheia do rio Mãe Luzia de 1995 ganhou proporções de uma tragédia socioambiental em Forquilha?

No campo dos objetivos, a pesquisa descreve e problematiza o processo de ocupação e formação do núcleo colonial e urbano do município de Forquilha em relação ao rio Mãe Luzia, explicita a memória e a percepção ambiental da “enchente do Natal” por pessoas que vivenciaram e testemunharam a cheia de 1995.

O método de pesquisa adotou três procedimentos metodológicos complementares: uma revisão bibliográfica sobre as temáticas ambientais, bem como as questões referentes à colonização do município de Forquilha e o rio Mãe Luzia, o recurso da história oral por meio de entrevistas e, por fim, a análise documental de jornais impressos.

O trabalho, então, assume a seguinte organização: o primeiro capítulo descreve o processo de formação do núcleo colonial dos imigrantes europeus, e o desenvolvimento do espaço urbano em relação ao rio Mãe Luzia, evidenciando impactos ambientais na região carbonífera e na área onde se formou o município de Forquilha. O segundo capítulo explicita o histórico de cheias e a memória e da “enchente do Natal”.

O primeiro capítulo se baseia no conceito de “colonização” de Sérgio Buarque de Holanda (1936), no livro *“Raízes do Brasil”*, e, aborda o conceito de impacto ambiental no processo colonizador, tendo como obra de referência *“Terra Prometida: uma introdução a eco-história da colonização do Rio Grande do Sul”*, de Juliana Bublitz e Marcus de Souza Correa (2006). Holanda apresenta em seu livro uma reflexão sobre o processo de colonização bem como as suas consequências na formação da “identidade brasileira”. Discute aspectos econômicos, culturais e históricos, onde demonstra que as noções dos países europeus foram essenciais na estruturação dos países da América Latina. Correa e Bublitz fazem uma História do processo de colonização do Estado do Rio Grande do Sul expondo a relação do imigrante europeu com o ambiente natural, evidenciando os impactos ambientais do modelo de colonização. Os autores mostram a interação do colono europeu com o meio ambiente, explicitando a concepção de natureza e problematizando a derrubada das matas.

Desse modo, busca-se compreender o contexto do surgimento da colônia de Forquilha e a sua relação com o meio ambiente, com ênfase na aproximação dos colonos com o rio Mãe Luzia. O município se desenvolveu no entorno do rio, explorando-o inicialmente como recurso para a subsistência agrícola e doméstica e mais tarde para as atividades industriais, provocando o desmatamento das matas ciliares e despejando agentes poluentes de origem sanitária e industrial.

Para elucidar o conceito de rio agrega-se o livro de Carlos Renato Carola e Nilso Dassi (2014), *“Era uma vez o rio Mãe Luzia”*, onde os autores constatarem que o rio foi um aliado importante para a formação das cidades ao longo de seu leito, e, tal como ocorreu em diversas outras cidades brasileiras, o “progresso econômico” da cidade foi sendo construído ao custo da poluição da bacia hidrográfica e outros tipos de impactos ambientais que agravaram o poder de destruição das cheias. Os autores problematizam a racionalidade economicista que concebe os rios apenas como “recursos hídricos” para interesses econômicos, ressaltando que o rio é também “um ser ecológico” que deve ser visto como um bem público para a população humana e os demais seres vivos.<sup>2</sup>

O segundo capítulo está estruturado nas referências de historiadores e memorialistas do município de Forquilha. Baseia-se no conceito de “desastre natural” de Jó Klanovicz (2008), apresentado em *“Apontamentos Teórico-metodológicos para uma História Ambiental dos desastres “naturais” em Santa Catarina”* e no conceito de enchente de Cássio Arthur Wollmann (2015), com o texto *“Revisão Teórico-Conceptual Do Estudo Das Enchentes Nas Linhas De Pesquisa Da Geografia Física”*. Klanovicz afirma que para a história ambiental os “desastres naturais” devem ser analisados em todos os aspectos sociais. Ele define que os “desastres reais podem ser contrastados com suas representações em conjuntos de percepção social sobre fenômenos extremos”.<sup>3</sup> Para Wollmann “o conceito de enchente aplica-se a sua irregularidade no espaço e no tempo”,<sup>4</sup> portanto, as enchentes podem ser entendidas como grandes precipitações nos rios, que geram consequências na agricultura, pecuária e cidades próximas, tendo como principal característica a

---

2 CAROLA, DASSI, 2014, p. 17

3 KLANOVICK, 2008, s/p

4 WOLLMANN, 2015, p. 27

irregularidade. Como o caso da cheia de dezembro de 1995 em Forquilha, onde ocorreu o transbordamento do rio Mãe Luzia, resultante de intensas chuvas na Serra Geral.

Para a formação de uma memória da enchente foi utilizada a ferramenta da História Oral, descrita por Écleia Bosi (1979) na obra “*História e Sociedade: Lembranças de Velhos*” e Maurice Halbwachs (2013) com a obra “*Memória Coletiva*”. Bosi afirma que as memórias devem ser valorizadas, pois elas têm um papel fundamental na sociedade. Para Halbwachs todas as lembranças, mesmo íntimas, estão ligadas a um determinado grupo a qual o indivíduo pertence. A metodologia da História Oral é uma forma de estudo com o objetivo primordial de preservar memórias de vida e lembranças de acontecimentos históricos relevantes.

A História Ambiental traz uma importante contribuição para o entendimento das enchentes e inundações e, sobretudo, para compreender os mecanismos dos “desastres naturais”. O município de Forquilha está localizado numa área de planície e o centro urbano, assim como alguns bairros, ocupam as margens do rio Mãe Luzia. As cheias do rio são recorrentes e como a ocupação se deu de forma imprudente em relação ao leito do rio, o comércio e muitas moradias se situam em áreas de riscos.

As enchentes são consideradas pela Geografia como calamidades comuns principalmente nas encostas, que ocorrem basicamente por causa de chuvas concentradas.<sup>5</sup> Entretanto, para a História Ambiental, tais eventos não podem ser considerados como desastres naturais, levando em conta as construções socioculturais. As cheias só se tornam desastres naturais ou tragédias quando atinge negativamente o ser humano.

Enfim, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta uma visão histórica sobre a enchente do rio Mãe Luzia no município de Forquilha no natal de 1995, numa perspectiva da História Ambiental.

---

5 BUSS, FURTADO, SCHEIBE, 2000. p.55.

## 2 OCUPAÇÃO E IMPACTOS AMBIENTAIS DA REGIÃO SUL: COLÔNIA DE FORQUILHINHA

### 2.1 A relação da Região sul de Santa Catarina com a natureza

Até meados do século XIX, o ecossistema planetário encontrava-se relativamente em equilíbrio, havia ainda muitas florestas “virgens”, bacias hidrográficas distantes das intervenções humanas e impactos ambientais regionalizados. Com a expansão mundial do capitalismo industrial, das correntes imigratórias e do desenvolvimento urbano, houve uma ruptura nesse equilíbrio, tendo como principal consequência a degradação dos ecossistemas naturais. Em função do processo crescente da destruição ambiental em nível mundial, cientistas, pesquisadores e ativistas de movimentos sociais começaram a questionar e problematizar o modelo desenvolvimentista e o estilo de vida da sociedade moderna.

As ciências sociais, como a História, têm demonstrado interesse nas questões que abrangem a natureza, principalmente com a destruição dos “recursos” naturais e o crescimento da desigualdade social.<sup>6</sup> Partindo disso, pode se compreender a História Ambiental como “uma forma de se escrever e pensar a história, tomando o “ambiente” ou o “ambiental” como categoria de análise das relações entre as dimensões natural e construída do mundo palpável”.<sup>7</sup> Uma dessas temáticas abordadas por alguns estudiosos são os impactos ambientais durante o processo de colonização europeia.

Os imigrantes europeus vieram para o sul do Brasil com o intuito de ocupar uma nova área e introduzir nela a sua cultura. A política imigratória do século XIX foi um empreendimento planejado e organizado pelo governo brasileiro em parceria com empresas colonizadoras. As empresas colonizadoras se incumbiam de viabilizar a vinda dos imigrantes europeus e executar projetos de colonização em áreas territoriais concedidas pelas autoridades brasileiras. As áreas concedidas para o empreendimento colonial, no entanto, eram territórios indígenas. O termo colonização é uma variante da palavra “colônia” que por sua vez veio do termo latim *colo*:

---

6 CORREA, BUBLITZ, 2006, p. 11

7 BUELL, 2001 *apud* KLANOVICZ, 2013, p. 293

[...] uma colonização é um projeto que engloba todas as forças envolvidas nos significados do verbo colo. Ou seja, colonizar significa ocupar um novo chão, trazer a memória da terra antiga (o culto) e transmitir práticas e significados às novas gerações (a cultura). Mas, se o significado de colo é cuidar, também é mandar, [...] dominar, explorar e submeter os nativos também são sentidos inerentes à colonização. Nesse contexto, colonizar está sempre associado a conquistar.<sup>8</sup>

Dentro desse contexto de “conquista” podem-se compreender as consequências à fauna, à flora e ao ambiente. O Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) define na resolução nº 001 de 23 de janeiro de 1986, o conceito de impacto ambiental como:

[...] qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam: a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; a qualidade dos “recursos” ambientais.<sup>9</sup>

Os impactos ambientais estão diretamente ligados ao devastador modelo de “civilização”<sup>10</sup> da sociedade moderna. O paradigma de progresso difundido na Europa através do “darwinismo social” acompanhou os imigrantes que vieram para o sul do Estado de Santa Catarina. O darwinismo social surgiu a partir da obra de Charles Darwin, publicada em 1859 e intitulada “*A origem das Espécies*”. Darwin formulou a teoria da evolução das espécies explicando e descrevendo o processo de “luta pela existência” e o mecanismo da “seleção natural” que possibilita a sobrevivência dos mais “aptos”. Em síntese, Darwin afirma que algumas espécies desenvolvem variações biológicas que favorece adaptações e sobrevivência em novas condições ecológicas. Alguns sociólogos do século XVIII e XIX se apropriaram dos estudos de Darwin para justificar a teoria de “superioridade racial europeia” em relação a outros povos.<sup>11</sup> Essa ideia de superioridade, além de atingir os povos nativos da Ásia, África e América, também se estendeu para a relação do homem com a natureza:

[...] o sentido de “evolução” – que primeiramente expressava o desenvolvimento progressivo de espécies do mundo natural, conforme a teoria darwinista do século XIX – transitou rapidamente

---

8 SILVA, SILVA, 2005, p. 67 *apud* BOSI, 1992.

9 CORREA, BUBLITZ, 2006, p. 15

10 CAROLA, 2009, p. 175 \* **Civilização**: Fernand Braudel (1989) definiu civilização como uma área cultural e seu sistema de valores, em que todos os seus integrantes compartilhariam de um conjunto de características comuns.

11 PELEGRIM, DIAS, GRINBERG 2012, p. 38

para o mundo social humano e estabeleceu uma hierarquia entre culturas, sociedades e instituições.<sup>12</sup>

Não sendo diferente na região sul de Santa Catarina, onde teve por consequência, diversos impactos ambientais. A classificação dos impactos ambientais pode ser feita conforme “seu desencadeamento, sua frequência ou temporalidade, sua extensão, sua reversibilidade, sua duração, sua magnitude, sua importância, seu sentido” seja ele positivo ou negativo, “sua origem, sua acumulação, sua sinergia e sua distribuição de ônus/benefícios”.<sup>13</sup>

Há pelos menos três tipos de impactos negativos do processo colonizador na região sul de Santa Catarina: a diminuição das florestas nativas, o assoreamento e a poluição dos rios e, a dizimação de indígenas na região.

A diminuição das florestas nativas está diretamente ligada à formação de lavouras e pastagem para os animais:

Em todas as regiões fito ecológicas de Santa Catarina, a exploração e o corte da vegetação foram práticas primeiras e recorrentes. Inicialmente as derrubadas abriram frentes para os colonizadores utilizarem o espaço territorial e desenvolveram as atividades agropecuárias ou formar núcleos urbanos.<sup>14</sup>

Os colonos alemães que se instalaram nas terras de Forquilha, assim como a grande maioria dos imigrantes europeus que se fixaram em Santa Catarina, logo desenvolveram um sistema de comércio para além de uma questão de sobrevivência:

Prepararam o solo para o plantio de arroz [...] Trouxeram também vacas de leite e bois de arado [...] A agricultura foi o principal meio de vida, seguindo-se a criação de porcos, em segundo lugar. [...] a produção de arroz, milho, carne e banha de porco, era vendida inicialmente em Nova Veneza, destinada à casa comercial dos Bortoluzzi e, depois, em Mãe Luzia, para a venda de Giacomo Búrigo [...]<sup>15</sup>

Outra forma de desmatamento tem relação com a necessidade de abertura de estradas conforme o crescimento da colônia. O principal meio para realizar essas aberturas eram as queimas de áreas:

No rastro da exploração madeireira, seguiu-se a queima das áreas, retirada da lenha quando de interesse, seguida do uso da terra para fins agrícolas e pecuários [...] O corte raso seguido de queima dizimou e dizima a maior parte das espécies.<sup>16</sup>

---

12 CAROLA, 2009, p. 173

13 CORREA, BUBLITZ 2006, p. 13 *apud* RHODE 1988

14 SEVEGNANI, SCHROEDER, 2013, p. 199

15 LOPES, s/a, p. 55

16 SEVEGNANI, SCHROEDER, 2013, p. 202-203

As biografias das famílias “pioneiras” de Forquilha mostram que o principal meio de abertura de caminhos foram às queimadas de matas.<sup>17</sup> Esses registros não levam em consideração os impactos ambientais desse modelo de ocupação, declaram tais feitos como atitudes “heroicas” e, acabam por reforçar a concepção de que a natureza deve ser dominada pelo homem.

Além disso, a derrubada das florestas nativas associada à caça trouxe consequências para a fauna local. Quantidades significativas de espécies de animais que viviam na região desapareceram ou migraram para outras regiões:

Resultante do elevado grau de alteração do ambiente que ocorreu em Santa Catarina, associado à atividade madeireira e agropecuária, existem muitas espécies que são ameaçadas não só no nível nacional, mas também regionalmente. Algumas espécies podem não estar ameaçadas em determinadas áreas de sua distribuição, porém, podem estar sofrendo diminuição populacional em outras. Além da alteração ambiental, a caça também foi responsável pelo declínio de várias espécies no Estado.<sup>18</sup>

Apesar de não ser possível fazer uma estimativa precisa dos impactos ambientais, a paisagem atual permite concluir os seus flagelos:

Para avaliar a ação humana no passado e seu impacto ambiental nas áreas de colonização, não podemos reconstruir com exatidão o número de árvores derrubadas, de superfície florestal atingida pelas queimadas, do tempo necessário de recomposição das matas, do grau de alteração nos ecossistemas, principalmente na cadeia alimentar da fauna e sequer inventariar todas as espécies animais e vegetais, extintas ou em extinção, nas áreas de colonização [...] A paisagem atual nos permite inferir os efeitos dos golpes de machado e do fogo nas florestas, bem como outras consequências da colonização.<sup>19</sup>

Quanto às redes fluviais da região, o acúmulo de detritos nos rios provoca a redução do volume de água, aumentando a densidade e bloqueando a entrada de luz, o que dificulta a fotossíntese e impede a renovação do oxigênio para algas e peixes, o que pode acarretar na extinção da vida nesse curso d'água. Esse evento é conhecido como assoreamento, que é causado, principalmente, pelo desmatamento das matas ciliares, resultando na degradação das bacias hidrográficas e provocando erosão.<sup>20</sup> Apesar de ser considerado um processo natural que ocorre mesmo antes da chegada do homem, o assoreamento se tornou mais intenso e mais agressivo com a

---

17 Casos são citados nas obras de Back, Arns e Lopes que por sua vez são descendentes de famílias alemãs que se instalaram em Forquilha.

18 SEVEGNANI, SCHROEDER, 2013, p. 219

19 CORREA, BUBLITZ, 2006, p. 12-13

20 LUSTOSA, NEGREIROS, PEDROSA, SOUSA, s/a, p. 5

intervenção humana. Pois, além dos rejeitos naturais como areia, terra, folhas, galhos, etc., se juntou aos sedimentos os entulhos e lixo, principalmente não orgânico:

[...] a ocorrência de erosão do solo, assoreamento de rios, escassez de recursos hídricos, alterações em cursos d'águas, são cada vez mais frequentes, com a retirada da cobertura vegetal, o solo fica mais propício a sofrer com erosão, o solo recebe incidência direta do sol, aquecendo-o e acaba por gerar a escassez dos recursos hídricos.<sup>21</sup>

Agrava-se ainda mais o fato da região sul de Santa Catarina ser uma das maiores produtoras de carvão mineral do país.<sup>22</sup> Com o avanço da extração carbonífera a partir da metade do século XX, praticamente toda a bacia hidrográfica<sup>23</sup> regional (Urussanga e Araranguá) foi contaminada pelos dejetos das minas de carvão, com imensas toneladas de rejeitos piritosos depositados nas proximidades dos leitos dos rios, águas contaminadas lançadas diretamente nos rios, assim como imensas quantidades de moinha (carvão moído) também lançadas de forma irresponsável e criminosa nas bacias hidrográficas. O rio Mãe Luzia, o maior afluente da bacia hidrográfica do rio Araranguá, foi o que recebeu um dos maiores impactos ambientais deste modelo de “progresso” industrial.

Outra gravíssima consequência do empreendimento colonizador no sul do Estado de Santa Catarina foi a dizimação dos índios que ocupavam o território entre o litoral e o planalto catarinense. Segundo os estudos arqueológicos, antropólogos e históricos havia na região sul catarinense a presença de um grupo indígena conhecido como Xokleng:

No início do século XX, quando da chegada dos imigrantes alemães ao território que hoje corresponde a Forquilha, já havia os Xokleng, também conhecidos *por botocudos*, que habitavam e circulavam pela extensa área de terras dos três Estados do Sul do país e entre o planalto serrano e o litoral, há muito tempo produzindo cultura.<sup>24</sup>

Os Xokleng viviam nas matas integrados com o meio ambiente, onde haviam estabelecido “uma relação cultura-natureza sedimentada por crenças e imaginário simbólico, que dava sentido e significado ao cotidiano de vida”.<sup>25</sup> A utilização dos benefícios da natureza era feito de forma respeitosa através de

---

21 LUSTOSA, NEGREIROS, PEDROSA, SOUSA, s/a, p. 5

22 CAROLA, DASSI, 2014, p. 87

23 **Bacia Hidrográfica:** área ou região de drenagem de um rio principal e seus afluentes. É a porção do espaço em que as águas das chuvas, das montanhas, subterrâneas ou de outros rios escoam em direção a um determinado curso d'água, abastecendo-o.

24 OSÓRIO ZANELATO, 2012, p. 49

25 CAROLA, DASSI, 2014, p. 53

seus valores morais. Havia uma relação tão ampla com o meio ambiente que os Xokleng acompanhavam as estações do ano na busca por alimentos, movimento que evidencia uma integração dinâmica com o ciclo da natureza:

Os Xokleng, que tradicionalmente ocupavam as áreas cobertas pelas florestas da Mata Atlântica e Araucárias, deslocaram-se continuamente em busca de alimentos de acordo com o que a própria natureza produzia em cada uma das estações do ano. Isso os fazia migrar, por exemplo, para o Planalto Serrano em busca do pinhão durante os meses que antecedem o inverno e retornavam às terras próximas ao litoral quando ali se lhes apresentavam frutos próprios do local, estação e caça.<sup>26</sup>

Para suprir a sua forma de subsistência ligada a caça e a coleta, os Xokleng necessitavam ocupar uma grande área. Costumavam viver em pequenos conjuntos familiares “que poderiam variar de oito a trinta pessoas”.<sup>27</sup> Quanto ao trabalho artesanal os Xokleng possuíam “uma cultura de baixo impacto ambiental”,<sup>28</sup> pois, fabricavam suas cestarias utilizadas cotidianamente e para diversas funções, além de produzirem seus arcos e flechas, lanças e bordunas (espécie de arma indígena) para a realização da caça e de defesa pessoal.

Com a chegada do imigrante europeu, os Xokleng se tornaram inimigos nas terras prometidas para a colonização. Na cultura do homem colonizador, os indígenas “foram rebaixados à condição de povo bárbaro, selvagens, bugres e outras denominações depreciativas. Na escala evolutiva, eram considerados grupos humanos no estágio mais inferior da espécie *Homo sapiens*”.<sup>29</sup>

Sob tal justificativa, os colonos passaram a perseguir e dizimar os Xokleng. Há registros de conflitos ao longo do século XIX e início do século XX entre os Xokleng e as frentes colonizadoras e os tropeiros. A atuação dos chamados “bugreiro”<sup>30</sup> foi essencial para o assassinato dos povos indígenas, eles eram contratados pelos colonos e pelos governos de Santa Catarina:

[...] os bugreiros agiam em grupos que variavam entre 8 e 15 pessoas, podendo haver uma variação desta quantia para mais ou para menos, geralmente formados por parentes entre si. A maioria

---

26 OSÓRIO, ZANELATTO, 2012, p. 52

27 OSÓRIO, ZANELATTO, 2012, p. 52

28 CAROLA, DASSI, 2014, p. 53

29 CAROLA, DASSI, 2014, p. 52

30 **Bugreiro** é o nome pelo qual ficaram conhecidos os indivíduos especializados em atacar e exterminar indígenas brasileiros e que eram contratados pelos colonos imigrantes e pelos governos provinciais do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O termo se origina da palavra bugre, como eram conhecidos pejorativamente os indígenas do sul do Brasil.

era composta por “caboclos” conhecedores das florestas que operavam sob o comando de um líder.<sup>31</sup>

Os Xokleng que conseguiram sobreviver ao processo de colonização foram retidos em áreas demarcadas pelo Estado e pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI); e “mesmo diante de tanta violência, os Xokleng se mantiveram num estado de luta permanente para assegurar a sua sobrevivência diante da conquista”.<sup>32</sup>

Os impactos ambientais decorrentes desses dois modelos de “progresso” – colonização e mineração - ocorreram no decorrer de todo o século XX. Uma dessas consequências são os “desastres naturais” como as enchentes, desmoronamentos, furacões, etc.

Os fenômenos naturais só são considerados como desastres quando atingem de maneira negativa as sociedades humanas. Podem ser classificado como humanos ou naturais:

Os desastres humanos são aqueles que ocorrem pela atividade humana, como: alguns incêndios, envenenamento de um rio por produtos químicos, entre outros. Já os desastres naturais são acontecimentos originados por um fenômeno natural, com ou sem o agravamento da participação humana, que resulta em danos humanos, materiais e ambientais. Os tipos de desastres naturais são variados, entre eles estão às enchentes, terremotos, furacões, tornados, tempestades, etc.<sup>33</sup>

A Defesa Civil classifica como um “evento adverso não provocado pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, com danos humanos, materiais e ambientais”<sup>34</sup> e, só são característicos quando não é possível calcular os prejuízos populacionais. Entretanto como tais eventos têm causado problemas sociais, econômicos e culturais, busca-se compreender o processo de ocupação e construção das edificações.

As repercussões de um desastre natural para as comunidades só ocorrem por causa do modelo de ocupação do homem “civilizado”. Como é o caso do município de Forquilha que construiu seu núcleo urbano nas margens do Rio Mãe Luzia, numa localização propensa a cheias e inundações.

## **2.2 Formação do Município de Forquilha**

---

31 OSÓRIO, ZANELATO, 2012. p. 53

32 OSÓRIO, ZANELATO, 2012. p. 55

33 FRASSON, 2011, p. 15-16

34 KLANOVICZ, 2008, s/p

Forquilhina é um município brasileiro do estado de Santa Catarina localizado na Mesorregião Sul Catarinense e na Região Carbonífera (AMREC). Sua população estimada é de 25.988 habitantes (IBGE, 2017), sendo um dos municípios que mais crescem em sua região.<sup>35</sup> Localiza-se a 213 km da capital do Estado, Florianópolis.

A economia de Forquilhina atualmente é baseada na extração de carvão, indústria metal-mecânica, agroindústria, agricultura e comércio. O município é considerado o maior produtor de arroz do sul de Santa Catarina.<sup>36</sup>

Figura 1: Mapa político dos municípios da AMREC



Fonte: Internet<sup>37</sup>

Na região sul de Santa Catarina a ocupação e expansão territorial do homem branco de origem europeia ocorreram a partir da determinação do Governo Imperial de colonizar as Províncias de Rio Grande do Sul e de Santa Catarina no século XIX<sup>38</sup> e, em função principalmente da crise político-econômica na Europa, entre outros motivos, centenas de famílias camponesas alemãs, além de outras etnias (italianos, poloneses, portugueses, espanhóis, austríacos, entre outras), imigraram para o Brasil com a esperança de

35 IBGE, 2017, s/p

36 IBGE, 2017, s/p

37 Disponível em: <<http://www.movemontanhas.com.br/noticias/seminario-reune-conselheiros-tutelaes-da-amrec>> Acesso em: 09/11/17

38 ARNS, 2003, p. 39

encontrar melhores condições de vida e retornar à terra natal quando a situação econômica e social na Europa estivesse estável.

Em Santa Catarina, os núcleos alemães foram instalados pelas Companhias de Imigração na Colônia de Santa Isabel, colônia alemã fundada em 1847 na região da grande Florianópolis, entre o litoral e o planalto catarinense. Com o crescimento da colônia a mesma foi dividida em núcleos. Entre esses núcleos estavam “São Martinho do Capivary, de onde partiram as famílias que foram em direção a Forquilha no início da segunda década do século XX”.<sup>39</sup>

Segundo Arns, antes de se instalarem definitivamente em Forquilha, alguns colonos de São Martinho do Capivary migraram para a região de Braço do Norte e São Ludgero, onde permaneceram por duas décadas e, tal como os imigrantes de outras origens étnicas, a escolha do lugar de formação do núcleo “pioneiro” de constituição das moradias foi na proximidade do rio:

No início do século XX, alguns desses colonos de São Ludgero, às margens do rio Braço do Norte, migraram mais uma vez, fazendo suas primeiras investidas em busca de terras novas e encontraram as terras muito férteis de São Bento [...] no início do século XX, se deslocaram para São Bento, então pertencente ao município de Araranguá.<sup>40</sup>

No Brasil, os colonos alemães e seus descendentes migraram em busca de novas terras, principalmente pelas promessas não cumpridas do Governo Imperial e das Companhias Colonizadoras. As propagandas divulgadas na Europa prometiam terras férteis em abundância e auxílio dos governos das Províncias para a criação de animais.<sup>41</sup> Entretanto, a Colônia de Santa Isabel ficava em área montanhosa. Além disso, os núcleos estavam ficando superpovoados, então a alternativa foi a busca de novos territórios para se fixarem.<sup>42</sup>

Os colonos foram atraídos para a região sul catarinense por notícias de terras produtivas ao longo do Vale do Rio Araranguá: “após uma viagem de três dias a cavalo, encontraram as anunciadas terras férteis, precisamente ao longo do rio Manoel Alves”.<sup>43</sup> O rio Manoel Alves é um dos afluentes do rio Mãe Luzia. Pouco tempo depois, os “exploradores” acabaram por adquirir terrenos

---

39 OSÓRIO, ZANELATO, 2012. p. 31.

40 ARNS, 2003, p. 39

41 ARNS, 2003, p. 39

42 BACK, 1995, p. 11

43 ARNS, 2003, p. 93

nas margens do rio Mãe Luzia, pouco abaixo da então colônia de Nova Veneza, ocupada predominantemente por imigrantes italianos. Segundo Back: “estava assim dado o primeiro passo para o novo rumo que tomaria a colônia de Forquilha”.<sup>44</sup>

Figura 2: Avenida 25 de Julho - Centro



Fonte: Fotos Antigas Forquilha, 1950<sup>45</sup>



Fonte: Kátia Urbano Gonçalves, 2010.<sup>46</sup>

O “progresso” econômico promoveu o desenvolvimento urbano de Forquilha. As fotografias acima mostram a Avenida 25 de Julho no Centro da cidade, no início da década de 1950 e em 2010 respectivamente. Atualmente ainda é a principal avenida do município, sendo que no lado esquerdo da imagem encontram-se as casas, principalmente de comércio, margeando o rio Mãe Luzia. Em 1912, a localidade pertencia ao Distrito de Nova Veneza, que por sua vez era vinculado ao município de Araranguá. Cresceu através da agregação de outros grupos étnicos, como luso brasileiros, italianos, portugueses, japoneses, poloneses. Em 1959 se tornou distrito de Criciúma. Por fim, em 26 de abril de 1989 foi criado o município de Forquilha, e, em primeiro de janeiro de 1990 foi instalado solenemente o município.<sup>47</sup> Tornando-se enfim um município.

---

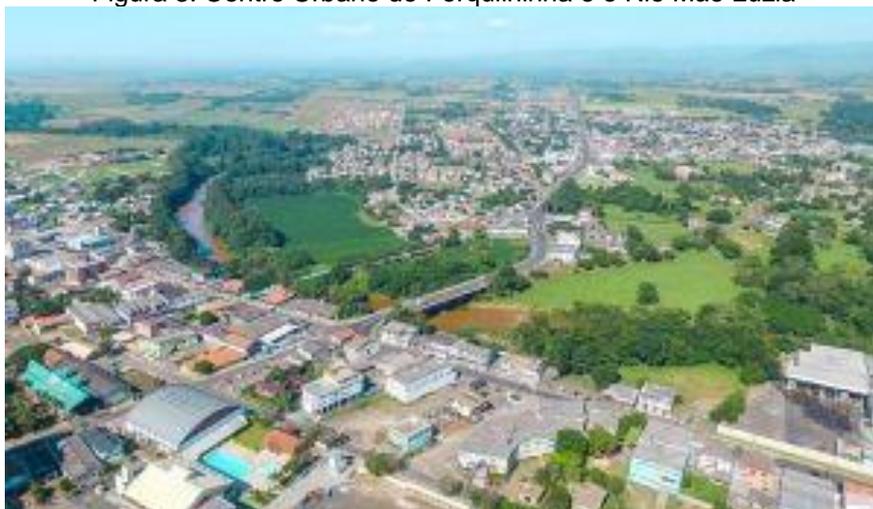
44 BACK, 1995, p. 11

45 Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/1579422938997019/photos/>> Acesso em: 25/09/17

46 GONÇALVES, Kátia Urbano. Cidade-Relato-Retrato: olhares sobre Forquilha/SC. Criciúma: UNESC/Curso de Artes Visuais, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), 2010.

47 FANDRES. 2013, p. 25

Figura 3: Centro Urbano de Forquilha e o Rio Mãe Luzia



Fonte: Fabrício Amboni, 2017.

Forquilha tem a sua história entrelaçada com o rio Mãe Luzia, pois além do manancial permitir a sua formação e crescimento, seu nome se deve ao encontro do rio com um de seus afluentes, o rio São Bento:

“Forca”, segundo o dicionário Aurélio, é um instrumento de estrangulação.

Aqui são os rios que estrangulam um ao outro. Isso acontece com o rio Mãe Luzia e o rio Araranguá, onde o local recebeu o nome de “Forquilha”. É aí que o rio Mãe Luzia entra no rio Araranguá.

“Forquilha” é o diminutivo do diminutivo “Forquilha”. É o encontro do rio São Bento com o rio Mãe Luzia. É uma característica do encontro dos rios. Fato é que “Forquilha” existiu antes de “Forquilha”.<sup>48</sup>

A nomenclatura foi dada pelos luso-brasileiros que já viviam na localidade no princípio do século XX, eram considerados invasores por que viviam em terras que haviam sido destinadas aos imigrantes italianos da colônia de Nova Veneza pelo Governo Imperial. Uma vez que já existia uma comunidade chamada Forquilha, devido ao encontro do rio Mãe Luzia e o rio Araranguá, utilizarem o “diminutivo do diminutivo” para se referir ao encontro do rio Mãe Luzia e o Rio São Bento, era a maneira de distinguirem as duas localidades.

---

<sup>48</sup> ARNS, 2003, p. 99

Figura 4: O encontro dos rios São Bento e Mãe Luzia



Fonte: Willians Baesso – Portal Veneza, 2015 <sup>49</sup>

Na imagem acima do encontro dos rios que nomeou o município, é possível observar uma diferença ambiental: o rio São Bento, o qual é feito a captação de água para o abastecimento dos municípios da região, através da Barragem do Rio São Bento em Siderópolis-SC, e à direita o rio Mãe Luzia com suas águas alaranjadas em função da poluição pelos rejeitos piritosos provenientes das minas de carvão. Além disso, também é possível perceber o avanço das áreas agrícolas sobre a Mata Atlântica, assim como a redução cada vez maior das matas ciliares, pois as plantações se estendem com grande proximidade da margem do rio.

### **2.3 O rio Mãe Luzia na formação histórica do povoamento de Forquilha**

O Rio Mãe Luzia pertence à bacia hidrográfica do rio Araranguá e abrange os municípios de Treviso, Forquilha, Nova Veneza e Maracajá. Sua nascente se localiza no município de Treviso e possui como afluentes os rios Pio, Manim, Jordão, Dondolo (ou Vargem), São Bento (Guarapari), Manoel

---

<sup>49</sup> Disponível em: < <https://www.forquilha-noticias.com.br/despoluicao-rio-mae-luzia-volta-debate-forquilha/> > Acesso em: 25/09/17

Alves e Itoupava, Dória, Ferreira, Morosini, Fiorita e Sangão,<sup>50</sup> fator que contribui para o aumento do volume das águas quando há ocorrência de chuvas na região. Uma das justificativas para a sua denominação se refere a uma senhora que se chamava Luzia e, que lavava roupas nas águas do rio pela região de Nova Veneza.<sup>51</sup>

Tal rio tem forte visibilidade na região sul catarinense pela sua extensão, sendo considerado o maior rio que perpassa a região da AMREC:

O rio Mãe Luzia, que atravessa as planícies de Forquilha, nasce nas imediações de Lauro Muller, nas encostas da Serra do Mar, seguindo, quase paralelamente a Serra rumo ao Sul, serpenteando entre os morros. Avoluma suas águas na embocadura do rio São Bento, e serpenteia pelas planuras das vargens de Forquilha, Morretes (hoje Maracajá) e deságua no rio Araranguá que despeja suas águas no mar, no Oceano Atlântico.<sup>52</sup>

É inegável que o rio, ao longo de suas margens, possibilitou a formação das colônias entre a metade do século XIX e início do século XX. Os imigrantes se estabeleceram em suas margens para facilitar a subsistência, pois “um rio é um ser ecológico que, além de fornecer água e alimento, também possibilita o transporte de coisas e pessoas, lazer e contemplação estética”.<sup>53</sup>

Principalmente por causa do clima tropical, os rios da região sul do Brasil foram um atrativo a mais para a expansão colonizadora europeia. As águas do rio Mãe Luzia chamavam a atenção por serem límpidas e cristalinas e com uma temperatura apropriada para consumo.<sup>54</sup> Entretanto, as cidades que se desenvolveram explorando os benefícios desse “recurso hídrico” não demonstraram respeito e nem tomaram medidas para preservar os ecossistemas fluviais. O descaso com o recurso hidrográfico começou desde a chegada dos imigrantes europeus:

O rio Mãe Luzia é tratado como um ser vivo, que começou a morrer já com a chegada dos primeiros colonizadores, os quais, ingratos, tiravam o sustento do rio, mas lhe devolviam esgotos e supressão de matas ciliares. A situação foi se agravando com o crescimento das cidades e a construção de indústrias que o usavam, em certa medida ainda usam, o rio como um grande esgoto.<sup>55</sup>

Sob o olhar ambientalista, a maneira como viviam os primeiros colonos tendo o rio como um bom aliado para a subsistência familiar iniciaram a

---

50 CAROLA, DASSI, 2014, p.17

51 ARNS, 2003, p. 100

52 ARNS, 2003, p. 100

53 CAROLA, DASSI, 2014, p. 17

54 CAROLA, DASSI, 2014, p. 63

55 CAROLA, DASSI, 2014, p.9

destruição ecológica do rio. Contudo, com o desenvolvimento do progresso industrial os impactos ambientais se intensificaram. Com o processo de crescimento e modernização das cidades aos arredores do rio, como Nova Veneza e Forquilha, as relações de subsistência foram substituídas por relações de exploração com fins lucrativos, culminando com práticas irresponsáveis de poluição ambiental dos rios. No decorrer do século XX, enquanto se propagavam discursos de “progresso” e “prosperidade”, se mortificava os rios com todos os tipos poluição característicos da vida moderna.

Apesar das inúmeras agressões ao rio Mãe Luzia, a de maior relevância é a resultante da extração de carvão mineral na região, intensificada na década de 1940. A indústria carbonífera, vista como a indústria fundamental do progresso econômico da região, ignorou a legislação vigente e poluiu os rios da região com a cumplicidade ou displicência dos órgãos públicos que deveriam primar pela preservação dos ecossistemas naturais. As águas do rio Mãe Luzia se tornaram alaranjadas e sem condições sustentáveis de vida.

Figura 5: A poluição do rio Mãe Luzia pelas carboníferas



Fonte: José Carminatti, 2015<sup>56</sup>

A fotografia acima mostra o rio Mãe Luzia em sua época de estiagem. Esta impactante imagem de coloração alaranjada foi registrada no bairro Vila Lourdes próximo ao centro de Forquilha. A poluição e o desprezo pelo rio Mãe Luzia contribuiu também para o agravamento dos impactos das cheias.

---

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://mapio.net/pic/p-71286745/>> Acesso em: 25/09/17

O avanço do “progresso industrial” forçou as formas de vida que dependiam das águas, como as comunidades ribeirinhas, a se voltarem para outros lugares e outros recursos. Em síntese, “o progresso civilizatório se viabilizou a custa da transformação e destruição dos ecossistemas naturais. De forma direta ou indireta, o desenvolvimento econômico só foi possível mediante a exploração e poluição das bacias hidrográficas”.<sup>57</sup> A cor alaranjada do rio, causada pela poluição principalmente carbonífera é um grande exemplo da negligência humana sobre a natureza. Além disso, os rejeitos tornaram as águas do rio Mãe Luzia ácidas:

O rio Mãe Luzia - um dos formadores do Araranguá - e dois dos seus afluentes - os rios Sangão e Fiorita - apresentaram teores extremamente altos de acidez ( $3,5 > \text{pH} > 2,0$ ). Como consequência, entre outras, o abastecimento da cidade de Criciúma - a maior da região sul, com 170.000 habitantes - não pode ser feita a partir dos cursos de água das suas imediações.<sup>58</sup>

Mediante essas condições o Rio Mãe Luzia está “morto”, após o anos de poluição pelas carboníferas. O despejo indiscriminado de rejeitos da exploração de carvão inviabilizou a captação das águas do rio para abastecimento público, recreação ou pesca.

---

57 CAROLA, DASSI, 2014, p. 29

58 ESPINOSA, s/d, s/p

### 3 HISTÓRIA E MEMÓRIA DA ENCHENTE

#### 3.1 Históricos de enchentes em Forquilha

As enchentes são apontadas, pela Geografia, como repercussões dos mecanismos naturais sobre a superfície terrestre que podem provocar alterações no espaço geográfico,<sup>59</sup> pois, são fenômenos que ocorrem dentro de uma variedade de subsistemas como clima, solos, água, relevo, vegetação, etc., juntamente com diversos aspectos sociais, com a agricultura, indústria, meio urbano, população, mineração, etc.. No contexto climático “as enchentes são vistas como azares da natureza sobre o homem, logo, o homem deve aprender a se prevenir”.<sup>60</sup>

Já a História Ambiental considera as questões sociais para melhor compreender os “desastres naturais” como as enchentes. Os estudos da História Ambiental encaram as enchentes como resultado das modificações da natureza decorrentes das intervenções humanas, que ocorreram em diferentes momentos, sendo o principal a formação de cidades nas margens dos rios que alteram as bacias hidrográficas. As consequências dos desastres naturais, como as enchentes, estão ligadas ao modelo de ocupação:

A urbanização na beira de rios, ou a instalação de casas de praia e hotéis em áreas sujeitas a marés de tempestade e furacões, aliadas às falhas tecnocratas de administrações municipais e regionais em impor regramentos territoriais e de construção com vistas a diminuir riscos têm contribuído para o fortalecimento da capacidade destrutiva desses eventos.<sup>61</sup>

Na região sul de Santa Catarina, e particularmente em relação ao processo histórico de urbanização do município de Forquilha, a imprudência socioambiental também prevaleceu. De fato, o rio Mãe Luzia possibilitou a formação da cidade às suas margens antes de sua poluição pelas carboníferas e pelas indústrias do agronegócio. A historiografia do município mostra indícios de um sentimento cauteloso da comunidade com o rio. Os primeiros colonos alemães que vieram fazer o reconhecimento da região já puderam observar que o local era propício às cheias:

---

59 WOLLMANN, 2015 p.27

60 WOLLMANN, 2015 p.27

61 KLANOVICZ, 2008, p. 2

Dos diversos rios afluentes do Araranguá, decidiram pelo Manuel Alves. Na foz deste rio, no Rio Mãe Luzia, já encontraram alguns moradores e contataram um conhecedor da região, um bugreiro, que os conduziu rio acima [...] . Ficaram entusiasmados quando viram as fertilíssimas planícies do beira-rio; no entanto, o condutor chamava atenção do perigo das cheias e, de fato, observaram nas árvores e nos arbustos sinais de enchentes.<sup>62</sup>

Essa constatação dos imigrantes europeus pode ser explicada por uma característica natural dos rios: os tipos de leito. As bacias hidrográficas têm épocas de estiagem e cheias, costumam ter dois tipos de leito: um menor e principal e um maior e complementar. O leito menor e principal é por onde o rio costuma correr na maior parte do tempo, enquanto o maior e complementar se refere à área inundada em períodos de cheias, sendo corriqueira principalmente em áreas planas, conhecidas por planícies de inundação.<sup>63</sup> No caso da cheia de 1995, as águas atingiram níveis acima do leito maior e complementar do rio Mãe Luzia, se tornando, portanto, uma enchente. Para que uma comunidade não seja prejudicada nos períodos de chuvas e cheias se tornam importante respeitar os espaços de proteção física dos rios, como as matas ciliares por exemplo.

As matas ciliares são as vegetações, como árvores ou arbustos, que crescem próximo ao leito dos rios e tem a incumbência de uma barreira natural, “segurando materiais terrosos que chegam com as chuvas (cheias), impedindo ou dificultando, por consequência, o assoreamento do curso d’água”.<sup>64</sup> Além disso, contribuem para interceptar materiais incomuns que possam contaminar as águas do rio, como “os excessos de adubo e agrotóxicos utilizados na agropecuária e em outras atividades”.<sup>65</sup> O nome mata ciliar “vem do fato de serem tão importantes para a proteção de rios e lagos como são os cílios para os nossos olhos”.<sup>66</sup> Essa cobertura vegetal atualmente é protegida pela lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012 do novo Código Florestal, da qual conceitua como “área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o

---

62 BACK, 1995, p.9

63 WOLLMANN, 2015 p.17

64 NICÁCIO, 2001, p.86

65 NICÁCIO, 2001, p.86

66 SANTOS, PACCA, FILHO, s/a, s/p

solo e assegurar o bem estar das populações humanas” (art. 3.º, II, da lei 12.651/2012).<sup>67</sup>

Nem todos os habitantes que se instalaram na colônia de Forquilha tiveram a precaução de preservar as matas ciliares do rio Mãe Luzia e, nem o cuidado de construir suas casas distante das áreas de risco das cheias. Como a ocupação e edificação urbana ocorreu em torno das duas margens do rio, nos períodos de estiagem era possível a travessia das pessoas, entretanto, justamente pelas grandes planícies em ambas as margens e ao rápido escoamento do rio, passaram a conviver com os períodos de cheias:

Quase todos os anos e mesmo às vezes em um mesmo ano, se repetem enchentes do rio Mãe Luzia, transbordando por suas margens de lado a lado, que, aliás, representavam altura, no máximo de 7 metros de seu nível normal, penetrando pelas partes de maior depressão e evadindo por estas, tornando-se torrente de maior ou menor velocidade, de acordo com o volume de água que aflui de transbordo das margens.<sup>68</sup>

Vale ressaltar que o modelo estrutural do município perdura até os dias atuais, o centro urbano ainda se localiza nas margens do rio Mãe Luzia. Na História de Forquilha há o registro de quatro enchentes consideradas de grande dimensão, sendo que a primeira ocorreu em 1918 e provocou epidemia e morte de vários moradores. A segunda aconteceu em 1950 e a terceira 24 anos mais tarde, 1974, considerada a grande enchente da região sul de Santa Catarina. A última delas foi registrada em 1995, conhecida como a “Enchente do Natal” pelos habitantes de Forquilha.<sup>69</sup>

A enchente de 1918, ainda com a colônia de Forquilha em formação, produziu uma grande epidemia e levou muitos moradores à morte.<sup>70</sup> A memória local aponta a existência de parasitas que viviam na água doce e a falta de saneamento básico, juntamente com o aumento considerável de novos moradores na colônia, como causas de uma disenteria epidêmica<sup>71</sup>. Esta doença ficou “conhecida vulgarmente com o nome de cãibra de sangue”.<sup>72</sup> Os

---

67 SANTOS, PACCA, FILHO, s/a, s/p

68 BACK, 1995, p. 42

69 ÓSORIO, ZANELATO, 2012, p. 43

70 ÓSORIO, ZANELATO, 2012, p. 43

71 A **disenteria** é uma doença do intestino, especialmente do cólon, que resulta fortes dores abdominais, ulceração das mucosas, cólica tenesmo e diarreia, sempre acompanhada de muco e sangue, após estágio inicial de diarreia aquosa.

72 BACK, 1995, p. 42

moradores iam à óbitos principalmente pela desidratação, consequência dos sintomas da enfermidade.

A segunda grande enchente, foi a de outubro de 1950, mesmo mês de inauguração da primeira ponte de concreto do município,<sup>73</sup> também atingiu todo o litoral catarinense. Em Forquilha, os relatos das enchentes estão registrados nos arquivos de memória da população e na historiografia do município:

As trombas d'água nas Cordilheiras da Serra do Mar surpreendiam as famílias com as enchentes das chuvas torrenciais que arrancavam árvores e arbustos das margens do rio, invadindo as propriedades ribeirinhas, levando estábulos com galinhas, porcos, até vacas que nem sempre conseguiam salvar-se nas colinas.<sup>74</sup>

Uma preocupação constante da população é a relação das enchentes com a agricultura. Como a economia agrícola é um dos setores mais importante do município, há diversos relatos que se lembram das cheias que causaram grandes impactos nas plantações:

Acontecendo estas enchentes quando as lavouras ribeirinhas ainda não estivessem colhidas, o prejuízo pode ser de grande vulto. Também se torna maléfica, quando os terrenos estão apenas por pouco tempo lavrados e as águas com facilidade os removem.<sup>75</sup>

Na perspectiva da História ambiental, tais impactos são reflexos do processo histórico de ocupação do ambiente natural, dos desmatamentos às margens dos rios e impactos ambientais provocados por moradores, agricultores e atividades industriais. A partir da década de 1970 uma das atividades mais impactantes vem sendo provocado pela indústria de produção de arroz. A modernização do cultivo integrado com um moderno sistema de beneficiamento e armazenamento do arroz propiciou um aumento expressivo da produção, mas o custo socioambiental foi altíssimo. No sistema de irrigação as águas invadem as lavouras e carregam consigo agrotóxicos destinados à plantação, contaminando nascentes e bacias hidrográficas, situação constatada em todas as regiões do Brasil.<sup>76</sup>

Já a enchente de 1974 é considerada a maior enchente já ocorrida em todo o sul do Estado de Santa Catarina. Popularmente conhecida como “Enchente de 74”, causou muita destruição, prejuízos e mortes em 13

---

73 ARNS, 2002, p. 102

74 ARNS, 2002, p.100

75 BACK, 1995, p. 42

76 DELLAMATRICE, MONTEIRO, 2014, p. 1296

municípios no sul catarinense, tendo maiores impactos nos municípios de Tubarão e Imbituba.<sup>77</sup>

Em Criciúma, a região central ficou inteiramente alagada, alguns bairros foram cobertos pelas águas,<sup>78</sup> nesse caso se inclui Forquilha, pois, na década de 1970 esse ainda não havia se emancipado do município cricumense. Cerca de quinhentas pessoas ficaram desabrigadas e a rede de comunicação foi cortada, tornando-se impossível a comunicação de pessoas através das emissoras de rádio. A BR 101, a principal ligação terrestre da região, ficou interditada por quatro dias,<sup>79</sup> e a área urbana de Forquilha ficou totalmente alagada.

Essa enchente teria sido causada pelo longo período de chuvas no mês de março do mesmo ano, levando a um encharcamento do solo combinado com ventos vindos do litoral, que “provocava o represamento das águas do rio na Serra Geral”, assim como a maré alta que dificultou o escoamento da água e o assoreamento dos rios.<sup>80</sup> Para alguns pesquisadores essa “inundação não foi apenas uma enchente comum, de conotação local, mas um desastre conhecido internacionalmente. Em função de sua dimensão geográfica, destruição, perdas materiais e humanas, e sua repercussão, ela acabou recebendo uma denominação própria, *A Enchente de 74*.”<sup>81</sup> A Enchente de 1974 teve forte impactos ambientais e populacionais, em todo o Estado de Santa Catarina, o episódio deixou 199 mortos e 65 mil desabrigados.

Na imagem abaixo é possível observar as águas cobrindo a entrada do primeiro hotel de Forquilha. O prédio que ainda fica localizado na Avenida 25 de Julho, às margens do rio Mãe Luzia, foi utilizado após emancipação do município como prefeitura.

---

77 NOVAKOSKI, 2003, p.107

78 NOVAKOSKI, 2003, p.107

79 NOVAKOSKI, 2003, p.109

80 ASSUNÇÃO, 2014, p. 195

81 FRASSON, 2011, p.9

Figura 6: Enchente De 74.



Familiars de Valdemar Loch e Martina Michel em frente ao Hotel Forquilha-SC em 25/03/74  
Fonte: Museu Anton Eyng

As enchentes ocorridas no século XIX, principalmente a de 1974 e 1995, são consideradas as maiores registradas por causa das proporções que atingiram e os impactos negativos ao homem. Mesmo cada uma tendo as suas características, só ganharam dimensão pelo aumento gradual da população de Forquilha, pois quanto mais a população crescia as margens do rio, mais pessoas são atingidas quando ocorrem enchentes.

### 3.2 O Natal Inesquecível

Durante o período entre Natal e Ano-Novo do ano de 1995, cerca de 50 municípios de Santa Catarina foram atingidos pela enchente. A cheia atingiu “residências, prédios públicos, comerciais e residenciais, sistema viário e agricultura”.<sup>82</sup> Segundo registros, entre os dias 23 e 25 do mês de dezembro daquele ano, ocorreu grande número de temporais por consequência do fenômeno La Niña, “que é caracterizado pelo resfriamento das águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial, ao invés de seu aquecimento”.<sup>83</sup>

Segundo os meteorologistas os alagamentos se deram por uma combinação de fatores naturais, pois “choveu em 36 horas (entre os dias 23 e 25) 165,8 milímetros, mas a água ficou represada nas áreas urbanas por causa

---

82 DAMIÃO, 2015, s/p

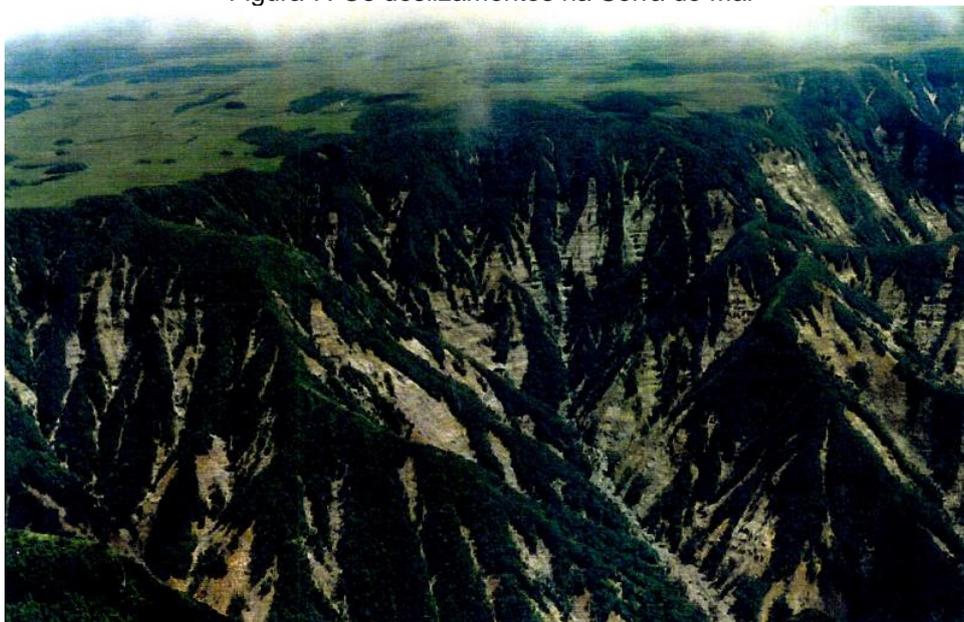
83 LOPES, 2015, p. 140

da maré alta”.<sup>84</sup> Na região sul do Estado 24 municípios decretaram estado de calamidade pública.<sup>85</sup> Os danos socioambientais foram imensos. Os deslizamentos de terras impactaram ainda mais a tragédia humana, principalmente nos municípios de Siderópolis e Jacinto Machado:

[...] foram poucas as cidades que não foram afetadas pela enchente, entretanto duas sentiram mais o poder do desastre, não só a força da água, mas, sobretudo a força da terra, pois vários deslizamentos de massa também foram registrados na região, produzindo 47 vítimas fatais e centenas de desabrigados.<sup>86</sup>

Os deslizamentos de terra foram tão intensos que alteram a paisagem visual da Serra do Mar, pois onde havia a presença da Mata Atlântica, com as avalanches de terra a serra ficou com “ranhuras” visíveis. Na imagem a baixo é possível observar os locais onde houve os deslizamentos de terra na serra:

Figura 7: Os deslizamentos na Serra do Mar



(As manchas de cor amarela acinzentadas na imagem são onde havia a presença de Mata Atlântica e acabaram deslizando por causa das chuvas.)

Foto de Kátia Vasconcellos Monteiro, primeira quinzena de janeiro de 1996

Fonte: Aditon Pacheco

Segundo os dados da Defesa Civil de Criciúma, as primeiras mortes foram registradas no dia 24 de dezembro, sendo que dos 47 óbitos, 29 foram

---

84 DAMIÃO, 2015, s/p

85 RIBEIRO, 2015, s/p

86 LOPES, 2015, p. 141

peças entre Forquilha, Nova Veneza (no distrito de São Bento Baixo) e Siderópolis (na comunidade de São Pedro).<sup>87</sup>

O resgate da maioria das vítimas foi feito pela Cruz Vermelha, Bombeiros Voluntários e pelo 28º GAC - Grupo de Artilharia de Campanha. O caso considerado mais dramático se refere a uma família de 11 pessoas que teve sua casa levada pela cheia no morro de São Pedro, na divisa entre Siderópolis e Nova Veneza, onde apenas um menino de 11 anos conseguiu sobreviver. Fato registrado pelo depoimento de Almir Fernandes de Souza, que era membro da Cruz Vermelha e participou dos resgates:

Uma vítima (não encontrada) morreu dia 24, após um deslizamento de terra no morro São Pedro, arrastando uma casa com 10 pessoas da mesma família. No dia seguinte, três pessoas desta família foram encontradas por bombeiros em meio a uma plantação de arroz. Nos dias 25 e 26 foram encontradas mais vítimas no morro São Pedro, em Nova Veneza. Entre as vítimas, mais uma mulher da família de 10 pessoas. As buscas seguiram até o dia 6 de janeiro, quando encontramos a última vítima daquela família em um rio próximo ao Restaurante Guellere, era também a última vítima do resgate.<sup>88</sup>

O fato de um menino de 11 anos ter sido o único sobrevivente da família foi noticiado pelo Jornal da Manhã. As mídias, como os jornais impressos, são consideradas um importante meio de veiculação de notícias e comunicação em massa.<sup>89</sup> Acontecimentos, como as enchentes, são reproduzidas pelas mídias com discursos onde representam a natureza como “vilã” e responsável por aquele “desastre natural”. Quanto a enchente de 1995, por se tratar de uma época festiva, os jornais impressos da época, noticiavam destacando o ocorrido como uma “tragédia natalina e ingrata”. Em outras tantas história destacavam a superação do episódio como algo divino:

Anderson seguiu o curso violento do rio até engalhar-se em tronco. Ele permaneceu com as pernas enroscadas em galhos e com a água batendo até a sua boca quase toda a noite. Durante as horas que esteve com as pernas trancadas, Anderson pedia à Deus para não morrer tão jovem.<sup>90</sup>

---

87 RIBEIRO, 2015, s/p

88 RAFAEL, FERNANDES, LANGER, LANGER, WERNER, 2015, s/p

89 ALSINA, 2009, p.15

90 JORNAL DA MANHÃ 26/12/95

Figura 8: O menino que sobreviveu

### Anderson: sete horas de luta para garantir a própria vida

O estudante Anderson Vieira, 11 anos, lutou mais de sete horas contra as correntezas do rio São Bento para sobreviver. Ontem à tarde, o único sobrevivente de uma família de 10 pessoas contou como conseguiu escapar da morte.

Anderson lembrou que no último domingo saiu com os tios para passar o natal na casa da avó. Por volta das 21h ele estava na cozinha com a tia, que batia um bolo para o café da manhã de natal, quando as águas do rio São Bento começaram a invadir a casa. Ele e as tias tentaram chegar até a residência próxima, por volta das 10 horas. Como estava escuro, chovia e ventava muito, eles voltaram. Ao chegar na casa trocaram de roupas, ascenderam velas e passaram a rezar.

Neste momento a casa que estava cercada pelo rio São Ben-



Anderson Vieira foi resgatado ontem à tarde pelo helicóptero e um afluente, já começava a ser invadida pelas águas. Anderson e os tios continuavam rezando, mesmo com a água pela cintura. Anderson recordou que uma tia falou se eles tivessem que morrer, morreriam ali mesmo, todos juntos.

A parte dos quartos da casa caiu sobre a cozinha onde eles rezavam. Foi quando a cozinha começou a balançar e foi engolida pelo rio. Os tios caíram por cima de Anderson que submergiu na água. Com a força das correntezas uma das janelas da cozinha abriu. Anderson saiu por ela e nadou até que se agarrou em um pedaço de pau.

Anderson seguiu o curso violento do rio até engalhar-se em tronco. Ele permaneceu com as pernas entrosçadas em galhos e com a água batendo até a sua boca quase toda a noite. Durante às horas que esteve com as pernas trancadas Anderson pedia à Deus para não morrer tão joven. Ele conseguiu soltar as pernas e ficou pendurado em galho de árvore até o amanhecer.

Quando chegou o dia Anderson nadou até a beira do rio e caminhou aproximadamente 500 metros até chegar a casa de um outro tio. Anderson foi arrastado cerca de 700 metros pelo curso do rio.

Ontem pela manhã ele foi resgatado pelo helicóptero da Polícia Militar e está internado no hospital São José com ferimentos generalizados.

Fonte: Jornal da Manhã – 26/12/95

Ao longo da cobertura jornalística do noticiário impresso, que durou do dia 26 de dezembro de 1995 até o dia 15 de janeiro de 1996, o Jornal da Manhã intercalava notícias onde destacava a Enchente do Natal como uma “tragédia humana irre recuperável” onde municípios como Forquilha foram “castigados pela cheia”<sup>91</sup> e notícias sobre a recuperações dos municípios, com manchetes sensacionalistas e alarmantes. Entretanto, a maioria das notícias se referia aos deslizamentos.

Tal como em enchentes dessa magnitude em outros lugares, na região sul de Santa Catarina esta tragédia humana deixou danos ambientais e sociais nos municípios afetados. Os deslizamentos resultaram na remoção de grande parte de matas, principalmente na Serra Geral, assim como na cobertura de solo das encostas<sup>92</sup>. Os resíduos naturais, como árvores, blocos rochosos, seixos, areia e solo, foram carregados pela cheia até a foz do rio Araranguá e conseqüentemente nas praias do município de Balneário Arroio do Silva- SC e Araranguá-SC<sup>93</sup>:

Os vales dos rios São Bento, em Siderópolis, Figueira e Fortuna, em Timbé do Sul, e do Rio Pinheirinho, em Jacinto Machado, foram parcialmente destruídos [...] Solos agrícolas sofreram erosão e foram soterrados por seixos e troncos.<sup>94</sup>

91 JORNAL DA MANHÃ, 4/01/1996, p. 6.

92 LOPES, 2015, p. 143

93 VALDATI, 2000, p. 38

94 VALDATI, 2000, p. 37

A chuva era constante na encosta da serra, causando um aumento do volume do Rio São Bento e por sequência no Rio Mãe Luzia. É importante ressaltar que os afluentes do rio Mãe Luzia auxiliam nas cheias deste, pois o volume da água aumenta rapidamente, e pode permanecer assim por vários dias.<sup>95</sup> A enchente de dezembro de 1995 se tornou sinônimo de sofrimento para os municípios atingidos pela devastação causada pelos deslizamentos de terra encharcada pela água, mas também, pelo grau de destruição diferente nas localidades afetadas:

A enchente ocorrida em final de dezembro de 1995 não teve as mesmas dimensões nos rios São Bento, Figueira, Fortuna e Pinheirinho; no entanto, houve destruição de quilômetros de estradas e pontes. Adicionalmente, ocorreram deslizamentos nas encostas e surgiram algumas marcas de solifluxão nas encostas e vertentes dos vales.<sup>96</sup>

Na região sul catarinense, as causas naturais das cheias também estão relacionados com as condições da Serra Geral. Em certas ocasiões o impacto das enchentes veio do alto da montanha, agravada por desmatamentos ilegais e deslizamentos de terras.<sup>97</sup> Nos momentos das tragédias a imprensa está sempre presente, faz relatos detalhados e dramáticos, mas não demonstra interesse em investigar as causas mais profundas dos desastres naturais:

O noticiário faz o cuidadoso balanço dos números de desabrigados, daqueles que foram desalojados de suas casas, das unidades residenciais com risco de desabamento, dos deslizamentos de terra e quedas de barreiras, da falta de energia elétrica e das escolas transformadas em acampamentos de emergência. Mas não há uma palavra sobre as razões pelas quais, praticamente todos os anos, o estado de Santa Catarina sofre tanto com as chuvas.<sup>98</sup>

Mesmo com todo o desenvolvimento econômico e tecnológico da era digital, os desastres naturais continuam provocando tragédias humanas com potencial cada vez mais destrutivo; e as mídias corporativas, juntamente com as autoridades políticas e empresariais, continuam desviando a atenção da opinião pública para o desastre em si e não para as atividades econômicas que geram grandes impactos ambientais, principalmente desmatamento de matas e florestas.

---

95 BACK, 1995, p. 50

96 VALDATI, 2000, p. 40

97 BUSS, FURTADO, SCHEIBE, et. al, 2000.

98 COSTA, 2011

### 3.2.1 As memórias Forquilhinhenses

Os desastres naturais não são percebidos da mesma forma, pois mesmo que ocorra sobre o mesmo território cada acontecimento possui suas especificidades.<sup>99</sup> Uma das principais ferramentas para compreender como ocorreu o episódio são os testemunhos orais. As memórias estão diretamente ligadas a compreensão do passado e do presente:

A memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. O estudo da memória passa da Psicologia à Neurofisiologia, com cada aspecto seu interessando a uma ciência diferente, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História.<sup>100</sup>

Os testemunhos orais sobre os desastres se tornam relevantes por aproximar o pesquisador com as perspectivas dos que sofreram ou testemunharam a “tragédia natural”. Os moradores de Forquilha e da região não foram atingidos na mesma proporcionalidade em dezembro de 1995, mas a memória coletiva revela o ressentimento da cidade com relação ao episódio, pois “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência, a memória, então, é sempre constituída em um grupo, mas nunca deixa também de ser trabalho do sujeito”.<sup>101</sup> Além disso, “a memória pode ser uma grande ferramenta, nos casos de “desastres naturais”, possibilitando legitimar ações públicas no período pós-enchente”.<sup>102</sup>

Os relatos orais presentes nesse trabalho seguiram primeiramente o critério de localizar as pessoas nos bairros mais atingidos pela enchente. Foram colhidos os testemunhos orais de dois moradores de cada localidade, sendo dois servidores públicos: V. Arns e A. Tiscoski; dois representantes do comércio: M. Pasini e J. Zanoni; um trabalhador informal: A. Menegon; e uma criança na época: M. Hoepers. As memórias presentes nesse trabalho estão caráter descritivo.

Em Forquilha o centro da cidade e os bairros aos arredores foram os mais flagelados pela questão topográfica e pelo aumento considerável da

---

99 LOPES, 2015, p. 200 *apud* MAIA, SEDREZ, 2002  
100 SILVA, SILVA, 2009, p. 275 *apud* LE GOFF, 1994  
101 HALBWACHS, 1990, p.25  
102 FRASSON, 2011, p.25

população do município após a sua emancipação de Criciúma. V. Arns, na época prefeito em exercício, relata que a cheia “atingiu diversas casas e como foi de madrugada ninguém conseguiu salvar grandes coisa, principalmente os bairros mais atingidos [...] Santa Ana e Santa Isabel. E isolou Santa Terezinha, São Pedro e São Gabriel” comunidades do interior.

No município foram registrados “cerca de 200 famílias desabrigadas, dezenas de animais mortos e falta de energia e água”.<sup>103</sup> Alguns dos atingidos pela enchente passaram o dia de Natal no salão paroquial no centro urbano da cidade, como relata Arns:

“Tivemos muita gente desabrigada, nós fizemos uma campanha de coleta de agasalho, de colchões, de roupa de cama, veio auxílio de fora. Fizemos a triagem, fazíamos comida no salão paroquial para os desabrigados, enfim, contornar aquela situação de quem teve casas aí que não salvaram nada, nem um colchão.”

Quanto ao número de óbitos o Jornal da Manhã noticiou o número de cinco pessoas no município, dado confirmado pela defesa civil de Criciúma e pela Cruz Vermelha. Um caso documentado pela Cruz Vermelha se refere a um rapaz natural do município de Siderópolis, ele “morava a pouco no município de Forquilha e foi surpreendido pela cheia quando atravessava de bicicleta a ponte da comunidade de São Gabriel” do interior da cidade e acabou sendo levado pela mesma, vindo a óbito por afogamento. Seu sepultamento ocorreu no seu município de origem.<sup>104</sup> Entretanto, o discurso difundido nas memórias dos entrevistados bem como pela memória coletiva dos forquilhense não reconhecem essas mortes como sendo ocorridas no município, principalmente por se tratar de pessoas provenientes de outras localidades e por não terem sido sepultadas em Forquilha. Isso também pode ser um reflexo da ineficácia de realizar os registros na época, uma vez que na região não havia um órgão governamental solidificado para realizar o levantamento dos dados e realizar a salvaguarda desses documentos.

---

103 RIBEIRO, 2015, s/p

104 RIBEIRO, 2015, s/p

Figura 9: Cerca de 200 famílias perdem tudo com chuvas



Fonte: Jornal da Manhã – 26/12/95

Segundo os relatos, o mês de dezembro de 1995 tinha sido de forte estiagem e de intenso calor, porém às vésperas do feriado natalino, a chuva durou cerca de quatro horas e meia de maneira torrencial. Nos dias seguintes a chuva era fraca, mas constante, o que dificultava para que o nível da água baixasse. No município a água permaneceu acima do nível por três dias, como reafirma Arns: “a água subiu, voltou, subiu mais duas vezes, chegou no mesmo nível que tinha vindo, só que não era com tanta violência como foi a primeira cheia”.

A. Tiskoski, moradora do centro urbano, é natural do município de Forquilha. Em seus 77 anos acompanhou diversas alterações do rio Mãe Luzia e lembra da poluição carbonífera da seguinte forma:

“Nós morávamos na casa próxima do rio [...], o rio passa logo atrás, ali eu peguei ainda o tempo que tinha peixes. Ali a gente pescava, lavava roupas, eu era criança, lavava roupa no rio ali, tinha peixe; aquela água limpa, todo mundo tomava banho, vinha gente de longe, jovem então, tomavam banho. Uma coisa que a gente nunca esquece, eu não entedia, foi o dia que amanheceu, na margem do rio tudo chegava a ser branco de peixes mortos quando jogaram carvão na água; matou ‘tudo’ os peixes.”

Para a moradora a enchente de dezembro de 1995 foi a pior vivenciada pela cidade, pois a água chegou a lugares em que não havia conhecimento de ter atingido antes. Ela conta que a água subiu muito rápido e, mesmo sendo a

única da rua que teve a casa “invadida” pela água, os danos materiais foram de pouca dimensão. Mesmo assim, como reside em um terreno elevado se “assustou” com o fato da água ter entrado na sua moradia:

“Eu aqui tinha carpê na casa, aí eu tive que tirar tudo por que aquilo começou a apodrecer né, eu coloquei o piso. Claro que eu tive despesas, perdi algumas coisas, estante... Foi muito rápido, quando a gente viu a água já tava aí. Quando foi no dia seguinte, passou tudo e tal, tal, veio de novo (**a água**). Mas muita sujeira, minha grama ao redor da casa ficou um tanto assim (**mostra com as mãos cerca de 30 cm**) de terra, ficou totalmente coberta de terra que água trouxe e lodo e sujeira... Era muita gente atingida, eu perdi pouco e tinha muito mais condições de reconstruir o que né, mas muita gente, tinha muita gente que foi atingida. Eu estava aqui dentro, aliás, foi de noite né, vieram me avisar que a água tava vindo rolando, a sobrinha minha daqui da rua veio aqui, quase que nós não conseguimos sair aqui, a água tinha correnteza, quase que a água carregou nós duas. Graças a Deus que passou, ficou na lembrança ...” (**grif meu**)

Tiscoski conta que era servidora pública na época, e, como o prédio da prefeitura se localizava no centro da cidade, esse foi bastante atingido:

“foi umas semanas de limpeza, limpeza e limpeza, eu trabalhava na prefeitura, eu era encarregada do pessoal da limpeza, lá que foi o caos foi lá. Tinha todos os arquivos num armário que tinha lá em baixo, aquilo encheu tudo, tava tudo um lodo só. No dia seguinte eu tive que largar a minha casa e ir lá limpar lá”.

Os danos à prefeitura também são relatados por Arns, pois a estrutura municipal se encontrava de forma improvisada no prédio do antigo hotel na principal avenida da cidade, que fica as margens do rio Mãe Luzia, um dos primeiros pontos a ficar inundado com as enchentes. Segundo ele, houve perdas de alguns móveis, papeladas, além de danos no prédio:

“Nós perdemos os cadastros, não era arquivo morto ainda. Por exemplo, o pessoal que ia fazer uma casa entregava a planta, então algumas coisas eram colocadas nas salas e nos cantos e aquilo era chão. Como a água subiu muito aquela vez, perdemos móveis, perdemos arquivos. As salas principais eram no andar de cima ou no outro prédio, atingiu aquela parte de baixo, então se perdeu alguma coisa de móveis, papelada, o que tava embaixo a menos de 50 cm do chão foi embora. O próprio prédio danificou, o chão levantou depois, as tábuas que inchou e levantou, depois teve um trabalho paliativo de ajeitar. Pra tentar voltar ao normal levou um tempinho”.

A fotografia abaixo mostra a Avenida 25 de Julho (direção ao bairro Vila Lurdes), onde é possível observar os alagamentos provocados pela enchente. O centro da cidade teve pontos de alagamentos que chegaram à 1,5 metros, dependendo do nível do solo.

Figura 10: Centro de Forquilha



Fonte: Museu Anton Eyng – 26/12/95

De acordo com os relatos e com os registros dezenas de pessoas tiveram danos materiais. Entretanto, algumas famílias conseguiram se prevenir com relação ao desastre, graças ao alerta de A. Menegon, morador do bairro Santa Ana, que na época trabalhava como taxista. Menegon relata que percebeu a movimentação do rio Mãe Luzia quando retornava da tradicional Missa de Natal na igreja Matriz no centro da cidade por volta das 23 horas:

“Conhecedia (*sic*)<sup>105</sup> a véspera de natal, que o natal era na segunda feira, ai fomos na missa a noite, a missa era as 10 horas e quando a gente voltou da missa, ali na ponte tava cheio de gente olhando o rio. Passei pelo lado de cá, chegou meu irmão que mora aqui perto, ai a menina dele era pequena na época, veio: -tio, tio, vai lá em casa vê o meu presente, tomar uma champanhe -, não sei o quê, tá. Aí nós viemos aqui em casa, fomos pra lá. E quando fomos pra lá, ali viu o rio ali, né. Já tava bem fora na “provargê” de baixo né. Ai quando voltei marquei, vim embora, deixei eles, os guris eram novo ainda. Aí voltei lá ver de novo já tinha levantado um leito, eu pensei o rio vai sair. Aí comecei a chamar todos os vizinhos aqui, tal, tal vê. A turma começava a correr pra frente e pra trás ai, invés de procurar levantar as coisas, não! Eu vim aqui em casa e levantei tudo! E ai veio né, veio a enchente... Era o quê uma hora eu acho... Uma ou duas”.

Menegon conta que em frente a sua residência havia uma tubulação de saneamento há pouco instalada e com a força da correnteza, as estruturas dessa obra foram rompidas. Os encanamentos de energia elétrica e água potável que são instalados embaixo da principal ponte do município também foram atingidos pela força da correnteza se romperam, o que gerou a falta

---

<sup>105</sup> Descrita tal como falado pelo entrevistado, pois como se trata de uma pessoa descendente alemã, não é correto descaracterizar a fala.

desses dois elementos por vários dias no centro e bairros aos arredores.

A característica que mais impressionou Menegon foi o alcance e a força da água, e a quantidade de resíduos que veio com a enchente:

“Coloquemos uma mesa aqui, coloquemos sofá em cima da mesa, levantemos as camas, levantemos tudo. Lá trás de casa, na dispensa, tinha meio saco de batata “inglês”. Quando abriu aqui, que nós viemos embora tinha batata por tudo. Primeira coisa que encontramos, quando chegamos foi dentro da sala o bujão de gás, na porta, o bujão que tava lá nos fundos parou na porta. Os pratos que tavam no armário lá trás, que não eram usado, só via boiando na água espalhados por tudo. Aqui era tudo lodo, quinze centímetros ou mais de lodo, e a gente teve que lavar e não tinha água. Formou na frente de casa um buraco de água ficou ali, nós usemos aquela água pra lavar. Veio galho, eucalipto de 15 metros e foi derrubando tudo, não atingiu casa, mas levou tudo os murro. Parou aqui na frente”

O taxista conta histórias de duas famílias vizinhas que sofreram com a enchente: a primeira se trata de uma família de quatro pessoas que “quando se deram conta a água já havia invadido, e não tinha mais pra onde ir, eles arrebitaram o forro, e botou a mulher e as meninas em cima do forro, até ser resgatado no outro dia pelos bombeiros”; a outra se trata de uma mulher com um bebe recém-nascido que “passou a noite inteira na *laje*, em pé, segurando um guarda chuva na mão e a criança na outra, os vizinhos tentaram tirar, mas não chegava caminhão e o barco só veio no outro dia”.

Figura 11: Bairro Santa Isabel



Fonte: Museu Anton Eyng 25/12/95

Uma das famílias alertadas pelo taxista foi a da M. Pasini, moradora da Avenida 25 de Julho no centro da cidade, às margens do rio Mãe Luzia; ela é cabelereira e relata que naquele ano havia a pouco inaugurado o seu salão de beleza no térreo de sua casa. A cabelereira conta que “passou um pessoal buzinando, gritando, porque “tava” vindo água “rolando” lá de cima. Todo mundo se levantou apavorado, e de repente quando a gente viu a água já tava rolando aqui no meio”. Pasini conta que como residia no segundo andar, teve danos apenas no seu comércio:

“Eu perdi as minhas caixinhas dos meus produtos e eu tinha um sugar também que tava guardado, aí o sugar entrou água, eu já aproveitei e joguei na correnteza, que é errado né, mas na época eu fiz. Tinha muita sujeira mesmo. Algumas cadeiras entrou água na parte hidráulica e tive que jogar fora. Coloquei azulejo por causa da enchente, começou a “comer” tudo e cada vez que pintava caía a pintura. Era uma nojeira, fedia muito, era podre, bicho morto...”

Sobre o descarte impróprio de materiais, como o da cabelereira, demonstra que uma consciência ambiental só surgiu recentemente. Muitos moradores relatam que algumas pessoas se aproveitaram da cheia para descartar os móveis que haviam sido danificados, que se juntavam a tantos outros materiais que a correnteza retirava de seus locais.

Figura 12: Avenida 25 de Julho



Fonte: Museu Anton Eyng - 26/12/95

Pasini relata que em função de ser uma semana de feriados e época de veraneio muitas pessoas que residiam no centro não estavam na cidade, então

houve certa solidariedade entre os vizinhos para “salvar” os pertences dos outros:

“Meu marido saiu pra ajudar as pessoas nos bar aqui do lado, o pessoal tava na praia. Pra passar o natal na praia. E o meu marido foi ajudar nas casas que tavam vazia que água arrebentava as portas, ajudava a levantar as coisas. Foi um pavor, parece assim, não tem uma coisa que parece que está te sufocando? O que eu ia fazer? Olha a altura que é. Se água tava aumentando, aumentando, chegou quase um metro e pouco. Eu gritava “tá subindo muito rápido, tá subindo muito rápido”, meu marido ajudando todo mundo e eu não sabia onde ele tava, eu me apavorei, porque uma desgraça pode acontecer.”

Além dos danos no seu estabelecimento, a moradora também relata que ao lado da sua residência havia uma loja de eletrodomésticos, a qual também foi atingida pela enchente, e que teve perda de grande parte de seus produtos:

“Tinha loja aqui do lado, era a Zomer uma loja de eletrodomésticos, eu emprestei a mangueira pra eles pra levar as geladeiras. As geladeiras da loja aqui do lado, ficaram tudo amarela dentro, ficava aquele barro, foi dado, foi vendido bem baratinho, aquelas geladeiras que tinha a gaveta embaixo abria tinha água podre.”

Pasini conta que a limpeza levou mais tempo do que a cheia em si, e que a falta d’água foi uma das grandes dificuldades da comunidade. Uma das coisas mais mencionadas pelos moradores foi a quantidade de animais peçonhentos que vieram com a cheia e acabaram dentro das casas :

“A gente teve que ir lavando. A gente ficou mexendo com a vassoura pra aproveitar a água que tinha pra levar aquele lodo. O cheiro era horrível, juntou esgoto, bicho morto, tudo... Eu tenho poço. Meu poço já era contaminado, mas entrou água da enchente, ninguém tinha água aqui só eu, ai o pessoal vinha buscar de balde no meu poço pra poder lavar as coisas. Muita gente perdeu tudo, eu tenho a minha prima com casa baixinha, ela perdeu tudo, colchão, tudo, era sapo, era cobra, era tudo... eu não perdi porque moro em cima. Pra limpar demorou muito, foi muita sujeira, nojeira. Eu desci pro salão, e tinha duas cobras aqui dentro. Quando a água baixou, a gente foi procurar as cobras, uma a gente encontrou, mas a outra não. Fomos encontrar lá na sala dos fundos enrolada na correia da bicicleta morta.”

J. Zanoni também teve a seu estabelecimento no bairro Santa Isabel atingido pela enchente. Como proprietário de uma padaria, Zanoni conta que teve uma grande perda de estoque e produtos, principalmente por se tratar de uma época festiva onde:

“Naquela época nos tinha uns 40/50 bolos que tava feito pra entregar, um pouco nós entreguemos, um pouco ficou. No natal o pessoal encomenda muito bolo. Aquele ano foi feio. Na padaria não aproveitamos nada, açúcar, era 1.500 kg de açúcar que tinha vindo naquela semana. Não tinha onde levantar, a hora que começou a derreter os debaixo... só ficou os pacotes. Nós ficamos acho que 15 dias fechado até lavar tudo. A gente perdeu muita coisa, açúcar,

farinha de fardo de 50 kg, tivemos que jogar tudo fora porque passou cobra, aranha, passou um monte de coisa em cima. Tinha uma torta grande, aí aquela entrou água assim, que ficou tudo bem barro. O resto a gente conseguiu entregar, mas não sabia que ia ter enchente bem no dia 24. A gente teve que mandar tudo os freezer, as maquinas pro concerto pra arrumar, porque estragou tudo.”

Quanto à chegada da enchente, assim como a maioria dos moradores da cidade, Zanoni não percebeu a movimentação da água até o momento em que foi atingido. Ele conta que a cheia arrastava diversos animais, como cachorros e gado. Além das perdas materiais havia o temor pela vida:

“Na verdade, não deu tempo pra ver nada, a enchente veio de cima, acho que quando ela veio uns 5 minutos já tinha um metro e meio d’água, ela tava passando por cima das coisas, não deu tempo de pegar nada, fazer nada. Nós ficamos dentro da padaria, até às 4 horas da manhã, não dava pra ir embora era muita madeira, criação e cachorro boiando, era tudo passava, e nós ali embaixo querendo vir embora, mas não tinha como vir embora. Aí já arrancou uma casa de um barbeiro que tinha ali, saltava fogo pra tudo quanto era lado, e nós ali em cima... “Meu Deus...vamos morrer tudo” porque nós tava dentro d’água, não tinha como escapar. A água veio de noite, parecia que não vinha pelo rio, que vinha pelos mato de “rolo”. Vinha criação rolando lá de cima, rodando, berrando, passava por cima do asfalto, e do outro lado era mais correnteza ainda, vinha berrando e passava pro outro lado, berrando e aí ia embora. Era sofá, um monte de móveis, vinha de tudo.”

Algo perceptível nos depoimentos coletados é como as consequências da enchente foram diferentes para os moradores de Forquilha, principalmente pela situação econômica de cada família. Pois, “esses eventos são socialmente seletivos na medida em que há, também, uma distribuição desigual da sensação de insegurança e risco.”<sup>106</sup> Cada classe social diferente atingida pela enchente teve meios diferentes de reagir perante o episódio. Como relata Zanoni, as famílias humildes foram as que levaram mais tempo para se reconstruir:

“Depois que passou a enchente dava de ver, passava na rua, era o pessoal tirando os colchão pra fora tudo molhado. Gente humilde perdeu tudo, e levaram um tempão para ter as coisas de volta. Era uma altura grande de pântano, dentro da padaria tiramos tudo o lodo de enxada. Aí quando fomos lavar a padaria, fui na prefeitura, mas não tinha caminhão pipa pra todo mundo, era muita gente. Onde eu morava tinha poço, eu carregava os galão d’água, botava os galão de 200 litros, 400 litros, não lembro, dentro do carro e puxava e a gente lavou a padaria daquele jeito.”

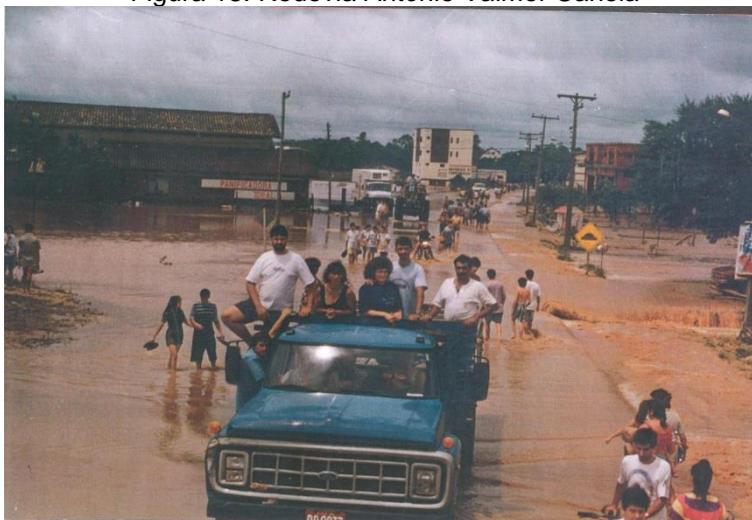
Zanoni conta que alguns proprietários de caminhões auxiliaram na retirada das pessoas que estavam “encurraladas” pela enchente. O que pode

---

106 KLANOVISK, 2008, s/p

ser observado na fotografia abaixo, onde diversas pessoas estão em cima de um caminhão para saírem das zonas alagadas:

Figura 13: Rodovia Antônio Valmor Canela



Fonte: Museu Anton Eyng- 26/12/1995

M. Hoepers morava no bairro Santa Isabel na época do ocorrido e tinha 11 anos; relata que foi retirada de casa na noite do dia 24 de dezembro no momento que a água já estava “invadindo” as casas:

“A gente perdeu praticamente tudo dentro de casa, eu lembro no dia 24 de dezembro, meu pai acordando a gente pra tirar de casa, carregando no colo já com água na cintura dele, pra ir para um lugar onde nunca pegou água de enchente, assim, nunca chegou. E a partir do momento que eu e a minha irmã, viu que água tava quase entrando na casa onde a gente tava, a gente entrou em desespero, porque como é como que tava na nossa casa? Como é que tava o pai e a mãe?”

Hoepers conta que o fator mais impressionante desse episódio foi o curto espaço de tempo em que a cheia atingiu os moradores da cidade:

“Porque foi à noite, eu lembro que o meu pai chamou eu e minha irmã e ele falou ‘pega uma muda de roupa que eu vou tirar vocês que água tava subindo muito rápido’. Só que essa água tava subindo muito rápido mesmo, como a gente já tinha acompanhado uma enchente nos anos anteriores a água demorava, levava duas, três horas pra subi e essa não, essa foi tipo, meu pai chamo quando a gente foi pra fora já saiu com agua na cintura dele. Dentro do nosso quarto só sobrou nossas roupas o resto a gente perdeu, roupa de cama, colchão, tudo a gente perdeu. A gente perdeu muita coisa mesmo...”

Além das perdas materiais, a “Enchente do Natal” deixou perturbações para os que a vivenciaram, isso se deve ao fato de que situações como as enchentes ultrapassam a fronteira de tolerância das pessoas que a

presenciam.<sup>107</sup> Para Hoepers, assim como outros moradores, a experiência vivida é encarrada como traumática, assim como as perdas materiais e a angústia familiar:

“Então, a gente foi ver os nossos pais... no outro dia, o pai e mãe chegando assim, eles quase morreram eletrocutados, meu tio tava junto ajudando, veio pra ajudar, é... por que a correnteza era muito forte, não deixava abrir a porta e água subia muito rápido, meu tio foi pelo lado de fora da casa pra tentar desligar o contador que ficava na frente, só deu tempo de desligar o contador a água chegou nas tomadas. No outro dia quando eles vieram, a mãe chegando tipo chorando, e o pai vindo por dentro d’água. A minha mãe com as pernas todas as picadas, por que meu pai e meu tio conseguiram subir pro forro, e a minha mãe, como ela era obesa na época ela não conseguia subir, então ela ficou a noite inteira até no outro dia quando os bombeiros retiraram ela, revezando uma perna ficava dentro d’água e a outra ficava em cima de onde ela tava com os cavaletes porque a sorte que meu pai era pedreiro então a gente tinha esse material dentro de casa... a mãe passou a noite dentro d’água ela dizia que passava cobra, passava aranha por dentro de casa...”

Hoepers conta que a família estava preparada para as comemorações natalinas, mas com a ocorrência da cheia, toda a “magia difundida nessa época específica não havia mais sentido”. Como criança uma das coisas que marcaram a entrevistada foi a perda dos elementos para o Natal e a relação com os animais domésticos:

“A gente tinha um freezer, que tava com torta, com coisas, porque o natal era dia 25, dentro, lá trás e tinham trancado e o pai daqui a pouco vê o freezer boiando saindo porta a fora, o tio e ele se jogaram na correnteza, nadaram, botaram o freezer pra dentro. O pai chegou lá, pra prender o freezer, meu cachorro tava nas últimas, que a corrente tinha engalhado embaixo da mesa então não conseguiu subir, o pai pegou e soltou o Lucky na correnteza e ele veio seguindo o pai, aí colocou ele em cima do forro também, só que o cachorro foi sair de lá dois dias depois.”

O retorno para a sua residência foi algo marcante para Hoepers. Ela conta que a recuperação material de sua família levou cerca de dois anos:

“Eu lembro que a gente demorou pra voltar, acho que uma semana para voltar para casa, pelo fato de quando a gente foi limpar, assim, a casa, a gente entrou com lodo, quando a água já tinha baixado, até no joelho. Na época eu já era bem altinha, então a água foi até a metade da janela, então um metro e meio dentro da minha casa, a parte de trás também pegou, o pai tinha feito uma área de serviço mais alta e pegou lá dentro também. O cheiro era forte, demorou pra gente meio que acostumar. O cheiro do lodo, a catinga mesmo que tinha, porque passou bicho morto, coisarada. E para reconstruir foi aos poucos. O pai e mãe tiveram que tá comprando as coisas novamente aos poucos. Quando a água começou a baixar, por que além de subir muito rápido demorou muito para baixar, a gente tentou aproveitar enquanto a água tava descendo pra tirar o lodo dentro de

---

107 SCHWARZSTEIN, 2001, p. 74

casa por que tinha em torno de 60 cm de lodo dentro de casa, então foi eu, o pai, o meu tio e a minha irmã. Eu lembro até hoje, no momento que a gente tava tirando as coisas dentro de casa, a minha mãe tinha recém se formado em biologia, e tirei uma foto dela e assim a foto saiu intacta, saiu o lodo e não tava manchado nem nada, então, e meu pai tirando o meu cachorro de cima do forro”

Cada morador que presenciou a enchente tem um modo singular de lembrar sobre a véspera do Natal de 1995. Enquanto alguns são gratos pelas consequências não ter sido de grande vulto, outros, como Hoepers, expressam suas angústias marcada pelo episódio. Para ela, o trauma da enchente reflete no seu cotidiano:

“Se eu vou, por exemplo eu moro de casa de aluguel, a minha primeira pergunta: -pega enchente? Pelo fato de que eu tenho, um trauma em relação a questão de enchente. Por que eu tinha, 11 anos, a minha irmã tinha 14, então assim, tu vê tudo que era teu... perder, todo o teu quarto que tinha sido feito com maior amor e carinho pelo pai e pela mãe, assim ter perdido tudo. É complicado assim, então, isso eu não quero que as minhas filhas passem. Então aonde vou alugar casa, a gente vai tentar ver terreno pra comprar, ou coisa parecida, a minha primeira pergunta: -pega água? Pega enchente? Pelo fato do trauma que eu carrego, então, não quero que elas passem pela mesma coisa que eu passei, por que... na época é bem complicado, assim.”

Hoepers conta que por não ter condições de permanecer na residência, a família optou em ficar algum tempo em outra cidade. Ela relata que a cheia trouxe tantos sedimentos que se mesclaram com os móveis e entulhos arrastados pela força da água, que acabou transformando o cenário da cidade:

“Chegava na Forquilha parecia aquelas cidades que você vê no cinema, só a destruição, a cidade encardida, era essa imagem que eu tinha quando eu cheguei na Forquilha depois de 20 dias. A cidade tava encardida por causa da enchente, do barro, do cheiro, parecia que tinha o cheiro ainda, não sei se era a lembrança do cheiro que vinha.”

Figura 14: Bairro Santa Isabel



Fonte: Jornal da Manhã – 26/12/95

A “enchente do Natal” impactou o espírito natalino de 1995. A tristeza se espalhou por toda a região como uma epidemia que debilitava mentes e corações. Após o período de tormento iniciou-se o movimento reconstrução e de avaliação dos danos.

### 3.2.2 O Pós-enchente

As ações governamentais foram consideradas insuficientes para a maioria dos moradores. Vale ressaltar que as rivalidades políticas existentes no município são fortes e o poder econômico é um dos parâmetros determinantes para a política pública de ajuda aos atingidos pelo desastre natural. Portanto cada entrevistado têm uma visão única sobre a questão da distribuição de auxílios.

Segundo a Prefeitura Municipal de Forquilha os auxílios financeiros foram direcionados prioritariamente para alguns agricultores, pelo fato de se tratar de uma das principais atividades econômicas do município. Arns sobrevoou de helicóptero sobre algumas localidades a fim de fazer um reconhecimento das áreas mais atingidas pela enchente:

“No município envolvemos a secretaria de agricultura pra levantamento dos prejuízos junto com a EPAGRI, CIDASC, que são os órgãos que cuidam disso, pra estimar os prejuízos na agricultura. Isso depois lá na frente os mais atingidos tiveram uma linha de

crédito do banco especial pra poder custear as reformas da propriedade e assim por diante. Nesse voo de helicóptero que nós fizemos aqui, passamos pelo São Gabriel, o mês de dezembro é a época que naquele tempo se plantava milho, hoje é arroz, mas naquela época ainda era milho e fumo, então nós de cima via tudo no chão assim como se tivesse passado um furacão. Tudo preto por que ficou aquele barro por cima, não sobrou um pé de fumo, não sobrou um pé de milho nada. Olhando de cima era um negócio indescritíveis, olhar as propriedades onde só a casa ficou de fora, algumas até o paiol, o chiqueiro, essas coisas.”

O governo estadual prometeu aos municípios uma soma de R\$ 100 mil, tendo como condição que o dinheiro seria destinado apenas para aqueles que decretaram situação de calamidade pública. Como algumas cidades afetadas tinham decretado apenas situação de emergência, não lhes garantia esse auxílio estadual. Para contornar a situação, os municípios trocaram o seus decretos. Isso se tornou algo incômodo para o governo do estado de Santa Catarina:

Apesar da falta de recursos, o Governo Estadual alardeou que rapidamente cada município afetado receberia R\$ 100 mil. Depois, informou que esse valor seria apenas para os municípios da Grande Florianópolis, pois o Vale do Araranguá só receberia algum recurso após uma análise detalhada dos prejuízos.<sup>108</sup>

Arns conta que os subsídios do governo do Estado vieram cerca de cinco meses depois do ocorrido. Entretanto, não foi a soma prometida pelo governo do Estado. Da quantidade prometida foram repassados ao município menos da metade, porém o recurso deveria ser repartido destinado para a Secretária Municipal de Saúde. O restante foi utilizado para a reconstrução de 17 pontes de madeiras que foram afetadas pela cheia:

“Pra prefeitura veio o recurso pra pontes e pra área social, algumas famílias foram cadastradas e ficaram recebendo alimentação por um período, cestas básicas e tal. Não tivemos epidemias. Tudo que a gente tinha de estrutura na época de saúde, assistência social, setor da agricultura, alguns órgãos governamentais do estado se procurou amenizar os efeitos da enchente. Mas o prejuízo foi enorme.”

As famílias cadastradas e beneficiadas foram em sua maioria as mesmas que ficaram alojadas no salão da Igreja na região central da cidade. Por isso há tantos conflitos com relação a ações da prefeitura. Alguns entrevistados, como Zanoni, afirmam que não houve uma busca nos bairros para realizar um levantamento dos flagelados:

“Quem foi pra casa de parente, não foi olhado pela prefeitura, deram as coisas pra quem tava lá (**no salão**). Eles não verificaram, teve

---

108 LOPES, 2015, p. 159

gente de bairro do interior, que a água nem chegou perto, que recebeu colchão, eles não olhavam se foi atingido ou não.” **(grif meu)**

Após a Enchente do Natal a prefeitura municipal de Forquilha realizou uma obra para evitar enchentes tão danosas para a população. No ano de 1997, a prefeitura realizou o desassoreamento do rio mãe Luzia no trecho que corta o centro da cidade, além de fazer um alargamento de seu leito. Como relata Arns:

“Em 97 foi realizado um trabalho no rio, por que depois da de 95 ocorreu outra cheia, claro, em menores proporções, mas o povo ficou muito assustado. Então a prefeitura viu que um trabalho era necessário pelo temor que a comunidade tinha do rio. Então foi retirado pedras, os galhos, troncos que vieram com a de 95 e alargado as beiradas do rio.”

Outra operação foi a alteração do relevo na comunidade de São Gabriel, cerca de 1 km do centro e margeia o rio Mãe Luzia. Para Tiskoski foi algo que melhorou quando se trata das enchentes, o que gerou outros impactos, como os alagamentos na comunidade de São Gabriel:

“Depois daquela enchente não deu outra igual, claro que enche as ruas da cidade, mas nunca mais transbordou o rio. Foi feito um trabalho no rio, as pedras foi tirada. E a barragem que ajudou muito. Lá pelo São Gabriel, eles fizeram tudo granjas, tudo quanto é lomba eles tiraram, agora a água tem uma vazão pra lá, enche muito lá, e aquilo também ajudou a não encher mais o centro da cidade.”

Essa alteração no relevo, primeiramente para beneficiar os agricultores, teve como ação diminuir a ocorrência de enchentes no centro da cidade. Entretanto, esse tipo de ação também pode provocar outros impactos ambientais. A prefeitura também distribuiu um kit de limpeza dos poços d’água para os moradores. Como afirma Arns:

“Poço, todo mundo perdeu, aliás, era um trabalho que se fazia para a recuperação de poços. Era na verdade um kit com cloro, e outros materiais que se fornecia para o pessoal tentar recuperar a água de poço.”

Os moradores de Forquilha, bem como as demais cidades da AMREC, viam a construção da Barragem do Rio São Bento como um fator de prevenção de enchentes, mesmo antes de ser concluída em 2002. A barragem foi instalada no município de Siderópolis, no rio São Bento, tendo como principal objetivo garantir o abastecimento de água por três décadas, equacionar os conflitos pelas disputas d’água e controlar inundações em áreas agrícolas e urbanas:

Diversos estudos apontaram o rio São Bento, na altura do município de Siderópolis, como o de maior potencial para abrigar um empreendimento desse porte. A obra era garantia de fornecimento à população urbana e rural, à agricultura e às indústrias pelos próximos 30 anos em Criciúma, Forquilha, Içara, Maracajá, Morro da Fumaça, Nova Veneza e Siderópolis, além das localidades de São Bento Baixo e Rio Maina. Representava também o fim de conflitos pela água e a prevenção às inundações em áreas agrícolas e urbanas por meio da regularização da vazão dos rios na bacia do Mãe Luzia.<sup>109</sup>

. Apesar dos benefícios, a construção da Barragem do rio São Bento também gerou alguns impactos ambientais, como a perda de fauna e flora, como descritas no relatório da “Companhia Catarinense de águas e saneamento Magna Engenharia LTDA” feito pela UNESCO em 1999, diante das negociações para a construção do empreendimento:

[...] haverá uma perda de 84.966 indivíduos a serem utilizados como lenha, contemplando entre estes muitas espécies de grande valor que se apresentam em processo de regeneração natural [...] A diminuição ou desaparecimento de algumas populações animais refletirão na diversidade e densidade da vegetação que delas dependem, pois a diminuição ou falta dos agentes dispersores de seus propágulos, leva ao desaparecimento de muitas espécies vegetais. É o que poderá ocorrer na área de entorno da barragem do rio São Bento.<sup>110</sup>

Então, para os moradores das cidades que margeiam o rio Mãe Luzia e o rio São Bento há uma sensação de segurança após a construção da Barragem do rio São Bento.

Além disso, os relatos dos entrevistados lembram das perdas materiais e humanas, e as políticas públicas se voltam para as consequências das enchentes. Há muito pouco interesse em estudar as causas mais profundas dos impactos das cheias e muito menos medidas para conter práticas de desmatamentos, poluição e tantas outras degradações ambientais provocadas por atividades agrícolas e industriais.

Forquilha se orgulha de ter se tornando referência política de preservação ambiental da região sul de Santa Catarina em função de ser “a primeira cidade a instalar um parque ecológico, graças a um convênio assinado com o Japão”.<sup>111</sup> Além disso, esse acordo permitiu, em 2015, a “construção de uma estação para monitoramento das águas do Rio Mãe Luzia, que corta a

---

109 GOSS, 2006, p.22

110 Companhia Catarinense de águas e saneamento Magna Engenharia LTDA, 1999, p.122-126

111 Dados do IBGE

Região Metropolitana Carbonífera.”<sup>112</sup> Entretanto, não são políticas públicas reconhecidas como suficientes, como afirma Hoepers:

“As pessoas demoraram muito para se antenar na questão de poluição dos rios. A partir do momento que as pessoas descobrirem que refrigerante não vai matar a tua sede, quem sabe eles comecem a se alertar mais a questão da água, não só da água como a questão da terra.”

Além disso, para a maioria das pessoas que residem no município, o rio Mãe Luzia é visto como um grande “empecilho”. Pois a falta de um senso ambiental, e a não obtenção de resultados práticos das ações feitas para recuperar o rio. Então, a maioria enxerga um rio morto que transborda em épocas de chuvas e exala mau odor nas épocas de estiagem. Tiskoski conta que os japoneses que fizeram o acordo para a construção do Parque Ecológico São Francisco de Assis, assim como ambientalistas europeus, eram recebidos com alegria por causa das promessas de despoluir o rio Mãe Luzia:

“Desde que nós somos município, eu trabalhava na prefeitura, eu sei que vinha sempre um grupo de japonês que iam despoluir o rio, mas nunca aconteceu nada, na verdade, sempre é falado, mas eu não sei se tá sendo feita alguma coisa. É um pouco difícil porque não adianta querer despoluir aqui, tem que ir lá onde tem a empresa. Eu, uma vez, fui lá com alemães numa visita, fui como intérprete. Eles ficaram abismados quando viram os dejetos que estavam sendo jogados no rio.”

Na história da humanidade, as pessoas são educadas e formatadas para consumir a natureza. A natureza não se cansa de anunciar o impacto dos desastres naturais provocados pelas ações antrópicas. As mudanças climáticas já são uma realidade, mas os discursos midiáticos que dominam o mundo e o país continuam a iludir a população de que o caminho do futuro é o do crescimento econômico.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cheia ocorrida em 24 de dezembro de 1995 na região sul de Santa Catarina tem presença constante na memória dos moradores dos municípios, como Forquilha, por três motivos principais: o número de desabrigados, os deslizamentos de terra na encosta da Serra Geral e por ter ocorrido na época festiva de final de ano. E tem ainda hoje fortes reflexos na população de Forquilha.

O município de Forquilha tem a sua história entrelaçada com o Rio Mãe Luzia, pois esse recurso hídrico possibilitou a formação da cidade às suas margens, antes de sua poluição pelas carboníferas. Entretanto, desde a chegada dos primeiros habitantes há relatos de cheias do rio.

O Rio Mãe Luzia localizado no sul do Estado de Santa Catarina, pertence à bacia hidrográfica de Araranguá e, corta principalmente os municípios de Forquilha, Nova Veneza e Maracajá. É considerado o maior rio que perpassa a região de Criciúma.

A “Enchente do Natal” não foi apenas uma enchente comum, de conotação local, mas um episódio conhecido nacionalmente. Em função de sua dimensão geográfica, destruição, perdas materiais e humanas, e sua repercussão, bem como o fato de ocorrer durante as comemorações natalinas, ela acabou recebendo uma denominação própria, a “Enchente do Natal”.

As enchentes são reflexos de uma série de fatores. Além das chuvas, como a poluição das águas, o desmatamento, a erosão e a falta de políticas públicas de prevenção. No caso da enchente de 1995 que atingiu diversos municípios da região sul de Santa Catarina, juntou-se a esses fatores o volume de água vindo dos afluentes, bem como as chuvas fortes na encosta da Serra Geral.

Em Forquilha o modelo estrutural permitiu que a enchente tivesse grandes dimensões. Desde sua colonização há uma negligência com relação ao rio Mãe Luzia. Os colonos europeus que se instalaram na região para usufruírem da rede fluvial acabaram por se instalar próximos ao rio. A cidade ainda hoje está localizada as margens do rio. Além disso, a retirada das matas ciliares para o plantio potencializou o agravamento dos impactos ambientais das enchentes.

As cheias ocorridas fazem parte da memória coletiva dessas localidades. Em Forquilha, muitas famílias perderam tudo o que tinham e reconstruíram as suas vidas, muitas no mesmo local. As lembranças do episódio permitiram contextualizar o sentimento dos moradores com relação ao episódio.

A História Ambiental dos desastres naturais e, particularmente, das enchentes em Santa Catarina, explicita de forma inequívoca o agravamento das “tragédias” em função das ações antrópicas e do processo histórico de ocupação do ambiente natural, mostra que a cobertura midiática, juntamente com as autoridades políticas e empresariais, direcionam a atenção da opinião pública para os efeitos dos desastres, justificando investimentos que privilegiam o poder econômico e a continuidade do paradigma do crescimento econômico.

A cheia de dezembro de 1995 teve início no dia 24 as vésperas do feriado de Natal, e atingiu boa parte do extremo sul do Estado de Santa Catarina com fortes e repentinas chuvas, causando deslizamentos e enxurradas e, sendo decretado estado de calamidade pública em diversos municípios, entre eles Forquilha. Por ocorrer na semana de comemorações natalinas ganhou a denominação de “A Enchente do Natal” pela população atingida e pela mídia.

As memórias dos moradores Forquilhenses revelam os ressentimentos que a comunidade tem o rio e, a ausência de uma consciência ecológica. Além disso, as políticas públicas são consideradas insuficientes para combater os “desastres naturais”. A inundação faz parte da memória coletiva dessas localidades. Em Forquilha, muitas famílias perderam tudo o que tinham e reconstruíram as suas vidas, muitas no mesmo local. As lembranças do episódio permitiram contextualizar as memórias, pois é lembrado, ainda hoje como sinônimo de grande sofrimento.

Atualmente as cheias no centro não ocorrem com frequência e, em escala menor. Muitas plantações, principalmente de arroz e fumo, ainda estão próximas ao centro, e não respeitam a mata ciliar, acabam por serem ainda são atingidas pelas águas em épocas de chuvas.

Por contornar as margens do rio, a área central do município de Forquilha foi a primeira a ser atingida pela água, causando prejuízos no

comércio local, além que algumas plantações de milho e arroz que ficam próximos ao centro foram invadidas e inutilizadas pela água poluída, principalmente, de toxinas do carvão. Após a Enchente do Natal muitos porões das casas que margeiam o rio Mãe Luzia no centro urbano de Forquilha foram inutilizados.

Por fim, a pesquisa através das ferramentas da História Ambiental, sobre as enchentes ocorridas no município de Forquilha, com ênfase na Enchente d Natal e, o registro de algumas memórias sobre a enchente de dezembro de 1995, é relevante, uma vez que questiona além da questão das inundações serem classificadas como desastres naturais, mas também os flagelos causados pelos impactos ambientais com intervenção humana à natureza e como a Enchente do Natal ganhou proporções de uma tragédia socioambiental em Forquilha.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miquel R. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 250p.

ARNS, Otilia. **Forquilha 1912 - 2002: história e resgate da memória dos nossos antepassados**. [S.l.: [s.n.], 2003]. 417 p.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski De. **Enchente De 1974 Como Drama Social: Relações Entre Percepção De Risco**. v. XVII. nº 4. Conflito E Gentrificação: out. Dez. 2014. p. 195-212

BACK, Adolfo. **História de Forquilha**. Criciúma, SC: UNESC, 1995. 136 p.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BUSS, Maria Dolores. FURTADO, Sandra Maria de Arruda. SCHEIBE, Luiz Fernando. **É, ninguém escapa do rio**. In\_\_\_\_\_. **GEOSUL: revista do Departamento de Geociências**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. v. 1, nº 1 . Florianópolis: Editora da UFSC, 2000. p. 55-78

CAROLA, Carlos Renato. Meio Ambiente In\_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 173-200

\_\_\_\_\_. DASSI, Nilso. **Era uma vez o rio Mãe Luzia...** Criciúma: UNESC, 2014. 160 p.

COMPANHIA CATARINENSE DE ÁGUAS E SANEAMENTO MAGNA ENGENHARIA LTDA. **Barragem do Rio São Bento**: Siderópolis/SC: estudo de impacto ambiental. [S.l.]: Magna Engenharia Ltda., 1999. 228p.

CORREA, Marcus de Souza. BUBLITZ, Juliana. **Terra Prometida: uma introdução à eco-história da colonização do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006. 142p.

COSTA, Luciano Martins. **Enchentes em Santa Catarina**. Observatório da Imprensa: 09/09/2011:

CUNHA, Sandra Batista. Canais fluviais e a questão ambiental. In: GUERRA, Antônio José Teixeira & CUNHA, Sandra Baptista da (org). **A questão ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 219 237.

DAMIÃO, Carlos. **Memória De Florianópolis: Vinte anos da maior enchente**. Notícias do dia, 2015. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/coluna/carlos-damiao/memoria-de-florianopolis-vinte-anos-da-maior-enchente>> Acesso em: 12/10/2017.

DELLAMATRICE, Priscila M. MONTEIRO, Regina T. R. **Principais aspectos da poluição de rios brasileiros por pesticidas**. ISSN 1807-1929 vol. 18. nº 12. Campina Grande: Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental, 2014. p.1296–1301. Disponível em: <http://www.agriambi.com.br/revista/v18n12/v18n12a14.pdf>. Acesso em: 09/10/2017

DRUMMOND, J. A. A História Ambiental: temas, fontes e linhas. In \_\_\_\_\_. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.184-198, 1991.

ESPINOSA, Héctor Raúl Muñoz. **Impactos e conflitos na gestão de recursos hídricos do sul de Santa Catarina, Brasil**. S/d.

Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/encuen/hector.pdf>  
Acesso em 06/09/2017.

FANDRES, Valdemir Piltz. **Emancipação De Forquilha: Entre As Paixões Étnicas E O Racionalismo Político**. 2013. 41p. TCC (Tese de Conclusão de Curso). UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense: Criciúma

FRASSON, Maicon Marques. **A Enchente de 1974 em Tubarão-SC: a construção de um desastre natural**. 2011. 59p. TCC (Tese de Conclusão de Curso). UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense: Criciúma.

GOSS, Fernando. **Barragem do Rio São Bento: água para o sul de Santa Catarina**. Florianópolis: Ministério da Integração Nacional, 2006. 62 p

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p. 25

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 1995. 195 p.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Forquilha – Santa Catarina**. Disponível: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=420545>> Acesso em: 21/07/2017.

JUNGES, Leandro. **As maiores inundações e enchentes no Brasil e em Santa Catarina**. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/anverde/2010/04/08/as-maiores-inundacoes-e-enchentes-no-brasil-e-em-santa-catarina/?topo=84,2,18&status=encerrado>> Acesso em: 16/10/2017

KLANOVICZ, Jó. **História ambiental e desastres: encontros entre política, tecnologia e sociedade**. São Leopoldo: UNISINOS, 2013. p. 293-302.

KLANOVICZ, Jó. Apontamentos Teórico-metodológicos para uma História Ambiental dos desastres “naturais” em Santa Catarina. **Tempos Acadêmicos**. Vol. 01, 2008. Disponível em:

<<http://periodicos.unesc.net/index.php/historia/issue/view/28>>. Acesso em 31/08/2017

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. **Desastres Socioambientais E Memória No Sul De Santa Catarina (1974-2004)**. Tese Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Programa de Pós-Graduação em História, 2015. 337p.

LUSTOSA, Suane Pereira NEGREIROS, Larissa Azevedo PEDROSA, Thays Cristina SOUSA, Alana Karine da Silva. **A ocorrência do assoreamento às margens do Rio Pau D'arco, na Região Sul do Estado do Pará**. Disponível em: <[http://www.catolica-to.edu.br/portal/portal/downloads/docs\\_gestaoambiental/projetos2010-2/2-periodo/A\\_ocorrenci\\_a\\_do\\_assoreamento\\_as\\_margens\\_do\\_rio\\_pau\\_darco\\_na\\_regiao\\_sul\\_do\\_estado\\_do\\_para.pdf](http://www.catolica-to.edu.br/portal/portal/downloads/docs_gestaoambiental/projetos2010-2/2-periodo/A_ocorrenci_a_do_assoreamento_as_margens_do_rio_pau_darco_na_regiao_sul_do_estado_do_para.pdf) > Acesso em: 25/09/17

MENDES, Ana Stela Vieira. **A Relação Homem-Natureza Através Dos Tempos: A Necessidade Da Visão Transdisciplinar Como Fundamento Do Direito Ambiental**. Fortaleza: Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI, 2010. Disponível em: <[http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a\\_relacao\\_homemnatureza\\_atraves\\_dos\\_tempos\\_a\\_necessidade\\_da\\_visao.pdf](http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a_relacao_homemnatureza_atraves_dos_tempos_a_necessidade_da_visao.pdf) > Acesso em: 18/10/2017

NICÁCIO, Joaquim Eduardo de Moura. **A Manutenção De Mata Ciliar: Um Ativo Permanente**. Ano 3 nº 6 . Revista De Estudos Sociais: 2001. p. 85-92 Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/viewFile/178/168>> Acesso em: 07/10/2017

NOVAKOSKI, Fabiana Delfino. A Enchente de 74. In\_\_\_\_\_. GONÇALVES, Gesiel S. (Org.). **Aconteceu no século XX: momentos que movimentaram Criciúma**. Criciúma, SC: Ed. do Autor, 2003. p. 107- 117.  
PELLEGRINI, Marcos César. DIAS, Adriana Machado. GRINBERG, Keila. As Ideologias Imperialista In\_\_\_\_\_. **Vontade de Saber História**. ed 2. São Paulo: FTD, 2012. p. 38-39.

OLIVEIRA, Estevam Dimas de et. al. A trajetória de modernização da cultura do arroz no município de turvo – Santa Catarina, Brasil. *Agroalimentaria*, Universidad de los Andes, vol. 22, núm. 43, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199251019009>. Acesso em 17/11/2017.

PERAZZO, Priscila F. **Narrativas Oraís de Histórias de Vida**. vol. 16. nº 30. São Paulo: Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS, jan- abr. 2015. p. 121-131.

RAFAEL, Elias. (orientador) FERNANDES, Elianara. LANGER, Gean. LANGER, Giovani. WERNER, Fernando Nunes. **Reportagem especial mostra a tensão de quem viveu a enchente de 1995**. Disponível em: <<http://www.portalsideropolis.com/news/2985658930294756/> > Acesso em: 15/10/2017

RIBEIRO, Monique de Cássia Dias. **História da Enchente de 1995-1996**. Artigo. Unesc. Criciúma: 2015. 15p.

SANTOS, Amanda Ricardo dos. PACCA, Mara Catarina Silva. FILHO, Fernando do Rego Barros. **Mata Ciliar E O Novo Código Florestal**. Disponível em: <<http://www.santacruz.br/ojs/index.php/JICEX/article/view/375>> Acesso em: 07/10/17.

SCHWARZSTEIN, Dora. **Historia Oral, memória e histórias traumáticas**. II Encontro Regional Sul de História Oral, São Leopoldo/RS: maio/2001. p. 73-83

SEVEGNANI, Lúcia; SCHROEDER, Edson (Org.). **Biodiversidade catarinense: características, potencialidades, ameaças**. Blumenau: Edifurb, 2013. 239p.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Colonização In\_\_\_\_\_ . **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 67-70

SOUZA, Carlos Alberto de. **Mortos pelas chuvas em SC são 26**. Porto Alegre: Agencia Folha. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/27/cotidiano/2.html1>> Acesso em: 19/10/2017

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico**. vol. 6. n 1º. São Jerônimo: MÉTIS História & Cultura 12, jul./dez. 2007. p. 35-44

VALDATI, Jairo. **Riscos e Desastres Naturais: a área de inundação na sub-bacia do rio da Pedra - Jacinto Machado/SC**. Tese Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociência, 2000. 160p

VOIDELLA, Ana Lúcia Bonini. SILVA, Tiago Felix da. **SOS Mata Atlântica**. Resultado da análise da água do Rio Mãe Luzia. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/blog/resultado-da-analise-da-agua-rio-mae-luiza/>> Acesso em: 21/09/2017.

ZANELATTO, João Henrique. OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha: do presente ao passado, outras memórias uma nova história**. Forquilha: Ed. UNESC, 2012. 350p.

WOLLMANN, Cássio Arthur. **Revisão Teórico-Conceitual Do Estudo Das Enchentes Nas Linhas De Pesquisa Da Geografia Física**. v 5, n.1.revista Eletrônica. Barra do Garças: Georaguia, jan/jul 2015. p. 27-45.

## **FONTE ORAL**

A. Menegon, 71 anos. Entrevista concedida a Monique de Cássia Dias Ribeiro. Forquilha, 25/10/2017.

A. Tiskoski, 77 anos. Entrevista concedida a Monique de Cássia Dias Ribeiro.  
Forquilha, 20/07/2016

J. Zanoni, 57 anos. Entrevista concedida a Monique de Cássia Dias Ribeiro.  
Forquilha, 23/10/2017.

M. Hoepers, 33 anos. Entrevista concedida a Monique de Cássia Dias Ribeiro.  
Forquilha, 20/07/2016.

M. Pasini, 59 anos. Entrevista concedida a Monique de Cássia Dias Ribeiro.  
Forquilha, 23/10/2017

V. ARNS, 59 anos. Entrevista concedida a Monique de Cássia Dias Ribeiro.  
Forquilha, 25/10/2017.

## **VÍDEOS**

FONTANELA, Batista. Final da enchente de 1995 em Timbé do Sul. Timbé do Sul, SC, Youtube, 19/03/2010. Disponível em: <https://youtu.be/vsEyIDXjStM>.  
Acesso em 17/11/2017.

## **JORNAIS**

JORNAL DA MANHÃ